

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

A língua portuguesa e os seus mistérios

«Cada língua tem seus mistérios,
como suas propriedades; e são suas
propriedades seus mistérios.»

FREI MANUEL DO SEPULCRO.

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA

1923

2/10/22 2100B/10.00
Nº 866-R
69523
JAIME DE MAGALHÃES LIMA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

A língua portuguesa e os seus mistérios

«Cada língua tem seus mistérios,
como suas propriedades; e são suas
propriedades seus mistérios.»

FREI MANUEL DO SEPULCRE.

OFERTA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

1923

bibRIA

Convenci-me de que a literatura portuguesa actual dá sinais claros de renascimento, fecundo em promessas de um futuro viril. E alegrei-me nessa convicção, porque firmemente creio que o destino das nações, e dos povos que as fundaram e habitam, depende mais, muito mais, da arte em que a alma popular se traduza e os vivifique, do que da constituição e doutrinas por que os governem e lhes violentem as energias as oligarquias de qualquer espécie, militares, políticas, económicas, sacerdotais, académicas, ou quantas outras se inventaram ou venham a inventar-se e possam imperar.

A afluência de livros portugueses ao mercado, apesar de tôdas as difficulda-

des de imprimir que a guerra suscitou, será sinal, e dos mais evidentes, da presença de uma actividade latente intensa, procurando transmudar em criações próprias as aspirações íntimas subconscientes. A produção literária nacional vai a equiparar-se em quantidade à importação do estrangeiro, senão a sobrepujá-la, libertando-nos em grande extensão da tutela e servilismo do espírito alheio, principalmente emancipando-nos das influências opressivas transpirinai-cas, que tanto desnaturavam o nosso génio literário e a mentalidade pátria. Boa ou má, excelente ou péssima, culta ou inculta, essa literatura, nossa, sempre terá, pelo menos, a graça e a virtude de uma individualidade.

Entre os sinais de renascimento me pareceu um dos mais propícios a publicação da «Antologia Portuguesa» do Sr. Agostinho de Campos, e as propensões e termos de sua organização e direcção, exprimindo uma orientação nova na exposição e solução dos inumeráveis problemas que a crítica literária invariavelmente sugere, e denunciavam a importância da literatura.

De certeza, alguma coisa grande e sã fermenta sob êste fumegar tumultuário, mais ou menos brilhante, mas, manifestamente, impetuoso na expansão e procurando-a, inquieto e com êxito. Porventura, a situação de pobreza economica do mundo, dificultando as relações internacionais, cingiu cada qual

aos próprios recursos, o que faria que em literatura, como em tudo o mais, nos víssemos coagidos a viver unicamente do património e a nada esperar do empréstimo, a sermos, como nunca, nós mesmos.

Dêstes pressentimentos derivaram as impressões ou, mais propriamente, as afeições que tentei significar nas breves fôlhas dêste opúsculo.

Não são de exame crítico, que não caberia nas minha posses.

São acto de fé.

RESSURREIÇÃO

DUM MILAGRE ⁽¹⁾

Nunca o sr. Agostinho de Campos nos facultou, a meu ver, lição que se compare com esta, de todo o ponto singular e de altíssimos benefícios, que a publicação do seu *Trancoso* na «Antologia» significa. Acima do feito literário, superiormente belo, desprende-se daquelas fôlhas um canto da raça, qualquer coisa misteriosa, cativante e fecunda, que vem de longe e longe se repercute, por onde passa inflamando a claridade, libertando-nos da obscuridade em que andamos perdidos, abastardados e mortificados.

Há duas dinastias na literatura nacional, duas veias mães a alimentam, duas *main currents*, como modernamente se usa muito dizer em lingua inglesa; há uma dinastia que consumou suas maiores façanhas, de

(1) O *Trancoso*, da «Antologia Portuguesa» do sr. Agostinho de Campos (Aillaud & Bertrand — Lisboa, 1921).

grande fama, em Gil Vicente, e há outra dinastia que cristalizou mais transparente e triunfantemente em Camões e no seu principesco séquito e descendência. Há duas dinastias literárias, a académica e a popular; há uma dinastia que exerceu a ditadura e se ostenta soberba, em grande pompa e glória, autoritária e cortesã; e há uma dinastia que rebentou, espontânea, do brávio, e aí floriu na singeleza, profusa, humilde, desprendida, esfarrapada, dispersa entre multidões anónimas, onde lateja sadia, em sua alegre vagabundagem. Como há duas dinastias políticas, a da praça e a do palácio; e duas dinastias de heroísmo, a da espada e a da enxada; e duas dinastias económicas, a da cobiça e a do trabalho; e duas dinastias religiosas, a dos princípios, a do Decálogo, a do amor, que se pratica hora a hora, a todo o instante, comum e omnívoda, — e a da regra, a do preceito, a dos mandamentos eclesiásticos, solene, ritual, sacerdotal, e privativa de iniciados e eleitos. Não será o sr. Agostinho de Campos quem me conteste a distinção, antes ma insinua, quando verifica que, «muitas vezes, o que consideramos erros e deselegâncias, por não se conformar às praxes da gramática e do es-

tilo cultos, são factos da gramática e do estilo do povo, tão respeitáveis e respeitados como os nossos.»

Eu, salvo o devido respeito, que muito é, diria antes que a gramática e o estilo popular tem seu palpar e instintos, pelos quais se regem, tão respeitados e respeitáveis, e tão exigentes e esteticamente eficazes, como as leis e regras das letras cultas. Notando que uma das coisas que distingue as duas gramáticas é a dificuldade da gramática popular, vaga, fugidia, se a comparamos com a gramática culta, expressa, limitada, decretada de uma vez para sempre com todas as suas regras e excepções. Não puderam ainda os mais subidos talentos musicais encontrar uma notação rigorosamente exacta para as canções populares; àquela notação que usam e onde empregam muito engenho, escapam modalidades que só pela voz humana se exprimem e directamente se comunicam e reproduzem, sem que até hoje inventássemos sinais gráficos por que se signifiquem e transmitam. Semelhantemente, há na gramática popular modalidades subtis que a lógica e a razão não conseguem definir e descrever, que só de ouvido se aprendem e por nenhum outro modo se alcan-

çam. Sentimos-lhes a beleza, sem lhes penetrarmos o sistema. Daí a dificuldade extrema de as aprendermos. Talvez não andasse longe da verdade quem dissesse que a gramática popular é pessoal, — cada homem, cada gramática, — tamanha é a variabilidade da expressão; emquanto a gramática académica se sujeita a uma mecânica mirrada e dura, tamanho é o frio e árido despotismo que opõe à liberdade e à individualidade.

Dêste divórcio de gramáticas muito temos padecido, porque nêle, subjacente, há um divórcio de almas, uma discordância funesta de aspirações, causa de perturbações incessantes; há aquela fatal ausência de unidade que impede de construir o quer que seja de consistente, sólido e duradouro; há uma fonte contínua de conflitos, divergências e revelações, rematando em esterilidade e ruína. Será glória dos historiadores modernos, à frente dos quais talvez convenha pôr John Richard Green, haverem esclarecido profundamente esta distinção, que aliás não escapou ao génio de Alexandre Herculano.

Ora acontece, por desgraça, que a nossa literatura tanto tem abundado em desvanecimento e zêlo pela cultura, como em igno-

rância e desmazêlo da ingenuidade. Gil Vicente é verdadeiramente uma descoberta de há cincoenta anos, quando muito; antes disso, não era uma força soberana, era apenas uma curiosidade subalterna. E a Gil Vicente pouco, ou quasi nada, temos acrescentado depois que o descobrimos, embora desde então não deixássemos de esvoaçar em tórno da sua luz, pressentindo-lhe a vitalidade essencial.

E' nesta linha que o *Trancoso*, ignorado de tanta e tão boa gente, e agora restituído à admiração e exemplo das plebes e das aristocracias literárias pelo inteligente amor pátrio e bem inspirado talento do sr. Agostinho de Campos, é nesta linha que o *Trancoso* vem tomar um esplêndido lugar, fortalecendo-a e preparando-lhe posições inexpugnáveis.

Quem foi Gonçalo Trancoso; onde e em que condição morou, e de quem veio o autor dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, não sei eu, e nem mesmo os eruditos mo dizem com confiança comunicativa. Com quem êle conviveu e tratou, isso é que eu sei com segurança; porque o advinho, está aqui, cristalino, neste livro, espelho da intimidade que nêle colaborou inconsciente-

mente e o adornou de graças inumeráveis. Homem de «não muitas nem muito variados leituras», segundo a apreciação de Menezes y Pelayo, que pelas referências do sr. Agostinho de Campos conheço, recebeu os seus assuntos «quási sempre da tradição oral e não de textos literários», ao que com abelhuda petulância acrescentarei de minha conta que com os assuntos recebeu a linguagem popular em que lhe eram dados. E suponho que ainda aqui não serei contraditado pelo sr. Agostinho de Campos, que nota em Trancoso o «uso e abuso, rústico e grosseiro, de repetições descabidas.» Foi o sr. Agostinho de Campos quem em aviso prévio, e de uma delicadeza crítica habitual na «Antologia», me advertiu dos modos e propensões de Trancoso, e acertadamente os classificou.

Neste ponto, peço, todavia, licença para me apartar um pouco do sagacíssimo mestre. Porque, se não estou em êrro, houve «uso», não houve «abuso»; e o simples uso é que por estranho e novo poderá confundir o homem de letras, em-quanto êste não se convencer de que Trancoso realizou nas letras o que em música seriam milagres de contraponto; isto é, por uma intuição artís-

tica maravilhosa, conjuga ritmos que pareciam opostos, à falta de quem lhes sentisse e traduzisse a concordância; fêz vibrar em harmonia a rusticidade e a cultura; acabou por um momento com o divórcio de duas gramáticas e duas linguagens, colhendo, de uma, ordem, lucidez e regularidade da cadência, e juntando-lhe, da outra, o impulso e o vigor de fôrças virgens. Assim, moderou os enfados da convenção, dos excessos da regra, e a monotonia do compasso, por certo frescor inexgotável de liberdade, embora rude e pleonástica, como é de sua natureza; conciliou o desembaraço eloquente da barbaria com a doçura frequentemente insípida, senão imbecil, da polidez.

¡Rara avis! Belo arrôjo! A integração da barbaria na cultura, sendo uma prova suprema de destreza literária, que só um fenómeno de simpatia, abrangendo no mesmo affecto tôdas as camadas sociais, pode consumir, é, não menos, a expressão da mais alta moral sôbre que uma sociedade pode edificar-se e manter-se.

Se êste pobre país, arrastado numa senilidade inquieta, é susceptível de renascimento em saúde; se esta raça e esta nação conservam elementos de vida que lhes deem

direito de existência digna e feliz, como creio, o rejuvenescimento só poderá esperar-se fundando a vida nas realidades elementares, tanto nas suas próprias, particulares, como nas absolutas; e entre as realidades elementares a primeira é a unidade da linguagem, e pela unidade da linguagem a unidade da aspiração e do pensamento que essa linguagem traduz, a convergência de todos os movimentos de vida que dêste chão despontem. E é então, na compreensão dêste renascimento e dos meios por que êle se pode alcançar, que os *Contos* de Trancoso mostrarão o que valem como instrumento de ressurgimento.

Então, também, se poderá avaliar a magnitude do serviço que o sr. Agostinho de Campos prestou à sua terra e à sua gente, desenterrando da poeira das bibliotecas estas jóias, que são armas poderosíssimas, e tornando-as acessíveis ao vulgo — em cujo bando ignorante me veio encontrar, não sem que de pronto me comovesse a gratidão pelo quinhão com que me enriqueceu o espírito e o deleitou, em-quanto me robustece o ânimo na fé e esperança de que não é sem remissão a «apagada e vil tristeza» em que penamos. Se não estamos condenados a um

naufrágio total, se nos é possível retomar rumo, este *Trancoso* virá como um farol de muita luz; porque é um divino suco que nos amamenta das próprias raízes do nosso ser; é uma transfusão impoluta de sangue materno que nos purga da embriaguez de filtros estranhos e dissolventes, a que por demais a dissipação e o relaxamento nos inclinaram e habituaram.

bibRIA

bibRIA

O CANTO E A LETRA NA LINGUAGEM ⁽¹⁾

A profundeza a que a lingüística e a filologia modernas teem descido, é estupenda. Os trabalhos de anatomia e classificação que consumaram, as relações subteis que descobriram, a interpretação genial que em factos até agora despercebidos, ou mínimos e banais, nos mostrou elementos fundamentais da complexa forma de actividade humana que é objecto daquelas sciências, são feitos que excedem, por certo, a vastidão prodigiosa percorrida em nossos dias pela botânica, ou pela zoologia, ou pela biologia, ou por qualquer outra das sciências que se ocupam da criação e movimento dos seres vivos. Porque a lingüística e a filologia, na delicadeza dos seus elementos, como fugi-

(1) *Paladinos da Linguagem*. Na «Antologia Portuguesa» do sr. Agostinho de Campos. (Aillaud & Bertrand — Lisboa, 1921.)

dios, impalpáveis, vão topar com dificuldades de que as sciências paralelas, chamadas naturais, estão isentas, operando sobre elementos tangíveis; a filologia e a lingüística demandarão altos poderes de visão que a simples observação, ainda a mais penetrante, nunca suprirá; e dêste modo exigem tudo o que as demais sciências reclamam e ainda, além disso, faculdades que lhes serão próprias e raras.

Todavia, neste progresso inaudito e nas construções ciclópicas que êle ergueu e vai acrescentando, sente-se que alguma coisa irreduzível ficou estacionária, e dela não sabemos mais nem melhor do que há dois mil anos sabíamos. Aqui acontecerá que nos venha à lembrança a advertência de Guilherme Ferrero, onde ponderou que a Vénus de Milo é anterior à máquina a vapor; aqui virão a a talhe de foice as considerações dos *Essays and Adresses* do extraordinário pensador, que é Gilbert Murray, onde disse:

«Há na vida dois elementos, um transitório e progressivo, outro, comparativamente, senão absolutamente, não-progressivo e eterno; e êste é o que principalmente importa à alma humana. Se inventariamos as nossas invenções, a nossa civilização mate-

rial, os nossos armazéns de conhecimentos acumulados, e procuramos confrontá-los com idênticos haveres do tempo de Ésquilo, ou Aristóteles, ou S. Francisco, a comparação é absurda; a nossa superioridade está fora da questão e acima de toda a medida. Mas compare-se qualquer poeta do nosso tempo com Ésquilo, compare-se qualquer filósofo com Aristóteles e qualquer santo prêgador com S. Francisco, e o resultado é totalmente diferente.

«As palavras de inspiração e revelação nunca dependem do facto scientifico directo, ou mesmo daquela parte da experiência que é capaz de se exprimir com exactidão. Não dependem daquela parte da viagem que já está traçada nas cartas do almirantado; dependem daquela parte que nunca foi estampada nas cartas e fica para lá dos nevoeiros, por onde ninguém viajou, ou, pelo menos, donde ninguém voltou trazendo relação clara.»

Qualquer coisa em matéria de línguas se achará compreendida em semelhantes preceitos; qualquer coisa lhes ficará na região dos nevoeiros e parece renitente em nos negar permissão de a desprender dessa via láctea. Á beira dessa região, a sciência, ou

se queda e desfalece sob o pêso da bagagem, vã como passaporte de admissão, ou mesmo se dissipa e apaga e arrefece no espaço, luz esmorecendo sem a menor influência sôbre a vida, que segue o seu curso espontâneo e se gera e nutre dos seus mistérios.

¿ Quem sabe?!... Conjunturas haverá em que a ciência seja antes impedimento do que propulsor da criação — na linguagem como em tôda a outra esfera das actividades vitais. A ciência é insaciável de análise, e a análise é o algoz por excelência de toda a criação, da criação dos seres corpóreos como da criação dos seres espirituais. A análise desfaz a flor, e a haste, e a raiz, como dissolve a verdade, e a religião, e a arte; tal qual o naturalista que esmaga a folha para observar a célula, o psicólogo e o filósofo esmigalham a alma para averiguar o sentimento. As anatomias, onde quer que prevaleçam, são destruidoras, tôdas; só sabem operar sôbre corpos mortos; a morte é a condição primária da sua acção e êxito. A ciência e a filosofia, na obstinação da curiosidade e da crueldade que as dominam, não pressentem que a vida só é vida e verdade, na integridade experimentada e visível das suas formas e relações; e logo se torna

em inanição, e decomposição, e insensatez e mentira, na fragmentação e mutilação que o exame lhe impõe. Há, sem dúvida, uma intimidade das cousas que é amor, do amor nasce e por elle subsiste; mas há também e a par uma intimidade que é opressão e na opressão se compraz. Daí *sciências* que são acto de simpatia e *sciências* que são artes de cobiçar e adquirir; e sempre que de sciência se trate, é indispensável distinguir, para apreciação da sua fecundidade, a que género das *sciências* pertence.

Tenhamos por probabilíssimo que, desde que a razão deixou de se cingir e restringir à integridade e a experiencia integral das criações que contempla, e de todos e quaisquer fenómenos em que a vida se realiza e move; desde que a razão quebrou êsse respeito, envenena tudo, tudo esfacela e corrompe, desvairando-nos pela perda do nexo fundamental dos factos observados, e conduzindo-nos àquele fastio, e desconfiança e inanidade próprios das ruínas, que perturba o coração, diga-se de passagem, e se baptizou com o terrível nome de pessimismo.

Para obviar a semelhantes enfermidades, importa discriminar e cautelosamente guardar o uso da sciência, evidentemente natu-

ral e salutar, e o abuso, o vício da ciência, sinistramente destruidor. O mal virá de que demasiadamente teremos trocado a *sabedoria* pela *ciência*, e o riso pela curiosidade, e a vida pela sensação.

Porventura e afinal, estes casos de enfermidades científicas e filosóficas, e todos os seus derivados, reduzir-se hão a manifestações de incapacidade estética. Porque a faculdade de admirar e louvar, e os seus impulsos de consubstanciação da nossa vida e da beleza, mingüaram ou totalmente se anularam, fermentou e medrou sôbre a sua decadência o espírito de exame em que vazamos a energia, disponível por falta do antigo emprego; e à simpatia que o arrebatamento perante a formosura provocava, e constituía uma aspiração em cuja realização nos esforçávamos, sucedeu a frieza e a indiferença do exame que, acabando em desprendimento, nos deixou errantes, sem modelo que nos cativasse, todos achando por igual valores científicos e nada mais, de queda em queda inclinando a crer que a beleza nem sequer existe e nos afaga, somente porque por efeito de demência deixámos de a perceber, e sentir, e querer.

Voltemos, pois, à região dos mistérios.

Tudo indica que será por aí a estrada mais fecunda.

Nas LXIV — 269 paginas dos *Paladinos da Linguagem*, do sr. Agostinho de Campos, nada encontrei mais profundo, melhor resumo da sciência de há três séculos, e ao mesmo tempo melhor previsão de tôda a sciência que até nossos dias se havia de criar, nada mais brilhantemente profético do que estas breves palavras de Frei Manuel do Sepulcro:

«Cada lingua tem seus mistérios, como suas propriedades; e são suas propriedades seus mistérios.»

Se alguma coisa mudou desde então até hoje, será apenas o reconhecimento dos mistérios e a rendição ao seu poder, que não a arte de os decifrar, e ainda menos o poder de os pôr em regra e os usar segundo decreto da vontade. O reconhecimento da existência e impenetrabilidade dos mistérios constituirá talvez o maior progresso do nosso tempo em questão de línguas.

Os regentes de orquestra e a sua gente, os que enfronhados em sciência se habituaram a pôr as línguas em leis, não perdoarão a barbaridade de tão insolentes afirmações e transgressões, e, — se elas os acharem

em maré de indulgência —, despedirão com o benigno castigo de um sorriso o portador, poupando-lhe as flagelações da férula. Mas os da plateia, criaturas ignorantes, sentindo e pensando à lei da natureza, é possível que não tratem com igual rigor o blasfemo intruso, e alguma coisa se atrevam a murmurar em sua defesa.

Se a imaginação não nos engana, desvairada pelas rajadas de catástrofe dos nossos atribulados dias, propensos a crer que tudo desaba em ruínas para ser reedificado conforme novo pensar e querer, assistimos a uma das revoluções do espírito literário mais profundas de que há memória; a concepção da natureza da linguagem e do seu poder de actividade social sofrerá neste momento, senão uma transformação radical, por certo um desenvolvimento em que o passado, que parecia grande, se reduz às proporções de fragmento de uma larguíssima fôrça, a mera suspeita, que não a interpretação, de um grande mistério. Obscura ainda nos termos de definição, como é próprio do início de todo e qualquer impulso vital criador; incerta no alcance e incapaz de prever desde já as derivações em que se difunda e as conclusões em que remate,

essa nova compreensão da linguagem manifestamente nos inclinará a assentar em alicerces há pouco ignorados, e bem diversos dos tradicionais e sabidos, aquilo que não só tínhamos por fundado, fixo, inalterável, pouco menos do que eterno, mas que também havíamos apreçoado como claríssimo, cristalino, na percepção e enumeração dos seus elementos, e nos modos de os conjugar e mover para darem de si uma arte consumada.

Até agora, uma linguagem teria sido um conjunto de sons, destinados a exprimir o pensar e o sentir dos homens, em toda a extensão, todos os quais sons, por convenções tácitas e expressas, havíamos estremado e rubricado, como notas da escala musical, susceptíveis de combinações variadíssimas, mas combinações regradas, em regime absoluto, de uma vez para sempre estabelecidas em decretos referendados pela autoridade de mestres, pela obediência do vulgo e pelo pêso mortal de tradições severas. A linguagem totalmente se traduzia e continha numa mecânica rígida, com suas alavancas e engrenagens, obra de engenheiro, embora desmontável, facultando a destriça e enumeração das peças essenciais e das acessórias,

devidamente inventariadas, mas funcionando por um sistema de ligações, e prévia e matematicamente traçadas. Bloqueada pelas etimologias, e pelos dicionários, e pelas gramáticas, e pelo uso e costume, e pela citação clássica, a linguagem, destituída de liberdade e ameaçada em todo o capricho da espontaneidade, vivia enclausurada num grande armazém de materiais, e a sua missão de escrava consistia em os jungir e ordenar para vária arquitectura, conforme dogmas e preceitos, fora dos quais tudo era êrro e motivo de estigma. Assim endurecida e cristalizada, a linguagem era essencialmente imperativa, cesariana.

Ora, entretanto, acontece que a energia da vida se revolta contra o despotismo que a sufocava, e a linguagem, emancipando-se da estreiteza, onde não cabia e só mutilada se ia acomodando, levantou voo e hoje aparece como um facto de sonoridade indefinível, no infinito das modalidades em que se manifesta e vagueia, essência fluida, que passa e nos toca e penetra e absorve, escapando, porém, no conhecimento da sua mais remota origem e constituição, a tôda a anatomia, a uma apreensão mental completa. A volubilidade e subtileza da vibração, tão

continuadas e contrárias a suspensões e remates se mostram, que, na verdade, mal consentem distinguir formas, atitudes e uns raros momentos específicos de pausa e estabilidade. Ia dizer que analisar a fala em que tratamos, nos amamos e desamamos, será tão fácil ou tão difícil, como analisar a voz do vento e o canto do rouxinol, e determinar-lhes o regimento a que teem de obedecer, e a academia em que professam. Evidentemente, «há eternidade no som das palavras, tanto como na sua significação; as circunstâncias passam como cenário, e ouve-se uma voz universal falando a linguagem do absoluto». «No som, não menos do que no sentido, há uma melodia que, se a ouvimos, reconhecemos feita pelo espírito do homem». O simples som determina «diferente estado de ser da nossa vida ordinária, tão diferente que o podemos chamar transcendente»; «terá o poder de dizer mais do que as coisas mortais» (1).

A esta crença nos encaminhamos.

Acaso teríamos estabelecido na lingua-

(1) *Times Literary Supplement*. Maio de 1921. No artigo *Pure Literature*.

gem separações entre o canto e a letra, que a diuturnidade da experiência não autorizou e agora suprime. Porque lográvamos alcançar o conhecimento de uma parte mínima de uma actividade humana incomensurável, arvorámos em sciência perfeita êsse minúsculo retalho, sôbre o qual havíamos conseguido um frouxo domínio e posse, leviana e vaidosamente tomando pelo todo as partículas cuja compreensão a custo, com grande esforço, se nos esboçou na inteligência.

Dêste modo é que a *Gramática portuguesa* de Epifânio Dias, por exemplo, nos despedia da fonologia ao fim de cinco breves páginas, guardando sessenta e oito para a morfologia, e não fazendo a syntaxe por menos de outras tantas, aproximadamente.

Mas hoje, que outro critério nos guia, não seria de estranhar que numa tal distribuição de importância e volume se achasse uma desproporção absurda, senão mesmo uma inversão de valores que desvaira e engana. Porque, sem dúvida, a riqueza de sons na linguagem sobrepuja em altíssimo grau todas as composições a que êles possam dar lugar, e até também todos os sistemas de notação em que êles se nos possam comu-

nicar. Embora todos os dicionários escrevam *man'ta* com as mesmas letras e lhes atribuam a mesma significação, ¿falarão a mesma língua o homem do Minho, que diz *maã'ta*, e o beirão do litoral que diz *man'ta*? As gramáticas, na avidez de regradar, supuseram que aqueles dois homens falavam a mesma língua, sòmente porque êles encontraram meio de se entender por certa música, na qual havia alguns sons harmónicos; mas, sem embargo, êsses homens exprimiram-se em vozes diversas; cada qual, pensando na mesma coisa, cantou sua canção própria, e no peito donde ela partiu, que a inspirou, residem dualidades físicas e diversas, que diversamente a modularam; reside diverso coração, diversa alma, que diversamente sentirão os objectos tangíveis.

Só uma rudeza bárbara imaginará que *love* e *amor* significam a mesma coisa e traduzem a mesma aspiração e o mesmo enternecimento; o ouvido menos sensível perceberá de pronto entre êsses dois cantares a distância que vai da robustez afirmativa que se contém em *amor*, à sujeição deliquesciente de desprendimento que em *love* perpassa. Na realidade, essas duas vozes descerram dois mundos psicológicos abso-

lutamente diferentes, duas faces do carácter dos homens, nas quais os pontos de coincidência são mínimos e as divergências formidáveis.

■ Através da intensa unificação omnímota dos povos, provocada pela inaudita actividade mercantil do nosso tempo, constantemente aproximando os continentes e as raças, a distância e vitalidade próprias do canto e da letra na linguagem demonstram-se eloqüentemente na sobrevivência dos dialectos. Muda-se o vocabulário e uniformiza-se; os dicionários abrangem uma extensão de terra cada vez maior; mas o canto, consubstanciado com as profundezas do chão onde nasceu, êsse fica onde estava, dando a sua vibração singular e irreductivel à palavra comum a infinitas gentes, que não raro vai de hemisfério a hemisfério, sem pela expansão sofrer quebra de significado. Até não são milagre os casos de quem, arrancado da sua terra aos vinte anos para se internar na cidade, nem assim haja desaprendido a lingua materna, mesmo que não voltasse a ouvi-la na fonte durante outros tantos anos; outra falará, novas palavras usa; mas o canto, êsse é que se manteve, não sabe exprimir-se senão na voz que a in-

fância e a raça criaram e educaram. O que veio da natureza espontâneamente, o canto, resiste a tôda a jornada e transplantação, é impreterível e inalienável; a letra, essa é que é erradia e alodial, sujeita a variar por infinitos accidentes, sempre mudável, objecto de esforço fácil e bastas vezes fabricada pela convenção. A acentuação no dialecto estará para a linguagem como a letra manuscrita para a letra fundida, de fôrma; entre a fala, onde o dialecto se revela, e a linguagem, a mecânica do vocabulário, em que os homens comunicam os appetites e os satisfazem, há um abismo, qualquer coisa não totalmente diversa do que separa do infinito o finito.

Os povos não falam a mesma língua sòmente porque usam o mesmo vocabulário e por êle se compreendem; ainda que êsse vocabulário possa reduzir-se ao rol de inconsciente volapuque, tão usado pelas bastardias literárias modernas e tão querido do tráfego mercantil das alfândegas, nem assim falarão a mesma língua os que o aproveitam. Por baixo de um nivelamento e identificação meramente superficiais, os caracteres étnicos renovam-se com uma persistência invencível e guardarão no canto

da fala a sua expressão mais profunda. O Brasil, por exemplo, que mais de perto nos toca, será, na realidade, um país cuja independência se avigora dia a dia, à medida que a acentuação da sua fala se define e se torna orgânica. Um português, conversando com um brasileiro, se possui sensibilidade delicada e ouvido não muito obtuso, logo verificará que a compreensão da palestra lhe exige certo esforço de atenção, perfeitamente igual ao que qualquer outra língua estrangeira lhe demanda, e apenas menos imediatamente perceptível para nós por um parentesco de linguagem que atenua o desacôrdo e o reduz ao mínimo. A desafinação é, porém, manifesta, e arripia e cansa os nervos; ninguém, a não ser aqueles que por inveterada incúria atropelam tôdas as línguas e se servem sem constrangimento de tôda a gíria moderna, cosmopolita ou pouco menos, ninguém que esteja habituado a pensar na sua língua e isento da vulgaríssima inanidade de dizer sem pensar, ninguém de maior idade em tal matéria dirá que os nossos sentidos e a nossa alma estão prontos a lidar indiferentemente com o português e o brasileiro. Embora à estreiteza de patriotismos, tão aca-

nhados como despóticos, repugne reconhecer que os filhos, por serem diversos dos pais, não deixaram por isso de ser bons filhos e amados, prolongando na independência, que a sua condição lhes outorga, a nobreza e as virtudes herdadas, e até pela própria independência e pela beleza e dignidade que ela importa, honrando aqueles de quem descendem, e assim se orgulham de os ter por filhos; embora a uma tal avareza na aceitação de uma emancipação justa pareçam alienação de propriedade as concessões de semelhante natureza, o facto subsiste e é sinal de vitalidade, não é sinal de decadência, quer do tronco robusto que não verga, quer dos ramos que dêle brotam e vicejam, com o seu viço coroando o tronco. No fundo dêste phenomeno de multiplicação e diferenciação paralela de uma língua, não podemos deixar de pressentir e admirar a riqueza de possibilidades congénitas que lhe permitem sobreviver rejuvenescida, em vez de se afundar e perder, no surdo labor de adaptação às exigências de novo ambiente. Haverá aí a expressão de uma elasticidade e destreza que são simultâneamente uma graça e uma fôrça.

Ainda bem que assim acontece; não só

para a nossa língua como para as demais em que os homens se conhecem por esse mundo fora. Um escritor inglês, J. Ritson, num artigo recente do *Glasgow Herald*, nota que «a-pesar-de tôdas as mudanças de pronúncia da linguagem, estamos longe, quer da correcção, quer de uma fria uniformidade». E logo descortinando nessas rebeldias da linguagem popular a beleza suprema que elas defendem, adverte que, como assim suceda independentemente da nossa vontade, «talvez não haja motivo para maior pena. Há no dialecto qualquer coisa com sua fragrância provinciana, e que parece inseparável do carácter, por não dizer da independência».

Do que eu poderei ser testemunha. Aqui, onde nasci e tenho vivido, falam dialectos diferentes, no espaço de meia dúzia de léguas, Aveiro, Ílhavo e a Murtosa. Cada uma dessas terras canta a seu modo, em diversíssima música, a linguagem, e cada uma forma uma família distinta, independente, com carácter próprio em tudo e por tudo, desde o traje à concepção dos fins da vida humana, com sua psicologia singular incorruptível, suas diferentes aspirações, diferente modo de ser e existir, diferente modo de amar a terra, e Deus, e os homens. Sem

embargo, são os mesmos os livros escolares de toda a escola primária desses lugares, e até haverá quem seja tão desprovido de senso estético e de penetração do valor social da estética, que suspire pela uniformidade e pela aniquilação radical dessas independências, como há, e vulgarissimamente, quem as escarneça e tome por vícios ridículos; mas o instinto da raça, mais poderoso e salutar que os decretos empertigados do *Diário do Governo*, mal sai da porta da escola confia os livros à traça, e teima em cantar a canção dos avós que o inspira, depressa restaurando a arte e protestando ingenuamente contra os dogmas prosódicos.

É o canto que exprime o homem. As coisas a que o canto se aplica para as designar, essas serão o uso menos importante, pôsto que útil, e o mais trivial, das faculdades daquele instrumento magnífico, prodigioso, de comércio entre os homens, instrumento empregado, entre as suas copiosas graças e benefícios, para servir necessidades de convívio elementares, sendo-lhes, no fundo, muito superior. Um livro moderno de W. Charles Loosmore, *The Gain of Personality*, conta que um industrial americano muito conhecido costumava escolher

a sua gente sòmente pela voz. Fazia que os candidatos ao seu serviço conversassem, livremente, sem o ver, e por esta forma tinha por seguro chegar a determinar o carácter pessoal de cada um. «Não me importo do que um homem diz», asseverava; «o que preciso é conhecer-lhe a voz, e especialmente a intonação e a elevação». E o povo, cujos instintos não erram na sua suprema sabedoria, pôs em cadência e rima os provérbios onde procura condensar os evangelhos da arte de viver no mundo. Sabe que êsses evangelhos só podem durar e prevalecer onde alcançarem uma forma musical comunicativa; a virtude do conceito só poderá subsistir pela sonoridade da insinuação. De outro modo, anula-se.

É significativo, sinal do advento de novos princípios dos factos lingüísticos, que um estudioso de provada competência, como o sr. Dr. José Pereira Tavares, cuide, a exemplo de bons mestres, de conservar nos seus trabalhos literários o que algum dia se chamou êrro e incorrecção; desta forma, implicitamente lhe atribuiu valor fundamental na interpretação de um grande e famoso clássico. Associando um consciencioso saber à intuição fecunda de um devoto da antigui-

dade, aquele ilustre professor do liceu de Aveiro achou conveniente manter na sua edição do *Poeta Melodino* (D. Francisco Manuel de Melo) (1) «certas grafias, principalmente quando traduzem uma pronúncia vocabular diferente da de hoje, ou de uso popular.» *Despois, sesudo, desculpar, vendimar, calidade, rostro, fermoso, caxa, impito, sabidoria, ugal, non, pivide, melonco- lia, e muitos, muitíssimos outros vocábulos* que o mais intenso recta-pronúncia se apres- saria a lamentar e emendar, lá ficaram, fe- lizmente, no texto. O mais das vezes, emen- dá-los é traduzi-los, e traduzi-los em lingua- gem estranha, senão estragá-los completa- mente, despojá-los de todo o poder de expressão espiritual. Leiam-se alto aquelas páginas, medite-se nas atitudes, no gesto e mover dos lábios que lhes correspondem, e logo e evidentemente saberemos que, alte- rando-lhes a música, suprimindo-lhes notas ou substituindo-as por outras de diversa vi- bração, de todo mudaram os caracteres e pessoas, e, direi, mesmo o ambiente e o

(1) Na colecção dos «Clássicos da Literatura Por- tuguesa.» (Companhia Portuguesa Editora — Pôrto, 1921).

scenário que elas foram destinadas a revelar, e de facto revelam, se as escutarmos na integridade da modelação original. Daqui, a quatro séculos de distância, estamos a ver e a ouvir na preciosidade palaciana e seus requebros as *aísculpas*, e os *ímpitos*, e as *sabidorias*, e as *pivides*, e as *meloncolias*, e as muitas coisas *fermosas* que punham aquelas gentes em bicos de pés e lhes faziam bôcas pequeninas, para se amarem ou aborrecerem, que a cortesania abunda por igual em todos êsses sentimentos.

Uma gramática, se o entendimento e a sciência dos homens chegar a altura de a organizar e possuir completa, terá de ser uma reedificação muito mais extensa e complexa do que os modestos compêndios de leis e conselhos a que costumamos dar aquele nome, com grande desvanecimento no feito e convencidos de que ali tocamos superdelicadezas transcendentis. Desde que da concepção meramente architectónica — de pedra aparelhada, em cantaria — passamos a linguagem à concepção musical, de um poder etéreo, uma gramática terá, por fôrça, de alargar-se em vastos capítulos que hoje ignora ou apenas aponta numa concisão ultra-sumária; terá de cuidar da intona-

ção, e dos sinais de duração, e da escala, e da cadência, e da modulação, e da tonalidade, e da melodia, e do andamento — o andamento, um valor primacial, talvez a suprema determinante na caracterização do estilo! — e até mesmo não será alheia a questões de harmonia e contraponto, e tudo o mais, que muito é e difícilimo, que na música não podemos deixar de considerar. Muito teremos que caminhar. Algum dia virá em que o ensino da linguagem nas escolas começará pela educação prévia do ouvido e pelo conhecimento dos elementos de música, reservando para segundo lugar os exercícios de análise, em que costumamos apressar-nos e esmerar-nos. A arte de dizer, empiricamente transmitida, precederá a arte de compor o que os outros disseram na espontaneidade dos seus impulsos.

Esta nova concepção da natureza das línguas não será, porém, tão peregrina invenção que o senso comum não a houvesse pressentido, por virtude dos instintos seguros que o inspiram e fortalecem. Desde tempos imemoriais, as palavras agravaram ou linsonjearam, não pelo significado literal mas pela intonação com que são proferidas. Não é raro o discurso no qual, não havendo

uma palavra de injúria, se sente a maior ofensa; e não foi sem fundamento que Plínio pediu a Calvíso para ler à assembleia dos decuriões a carta que lhes mandava. «Não queria escrever directamente à assembleia; a attitude da pessoa, o gesto e a voz fixavam o sentido do que ella dizia; a carta, desamparada de todos estes socorros, não tinha nada que a defendesse das interpretações malignas.» Já então, um grande mestre se achava convencido de que a acentuação podia mais e melhor do que as palavras; só ella poderia dizer o que as palavras só por si eram incapazes de exprimir e deixariam sujeito a ruins equívocos.

¿Não sabe toda a gente que o discurso perde, habitualmente, metade, pelo menos, do seu valor, se o lemos em vez de o ouvirmos?; ¿não é vulgar o caso em que semelhante transposição reduz a uma inanidade completa o que muita vez determinou comoções profundas? No canto estava a sua única influencia e graça; as ideias e as palavras não passavam de um pretexto para cantar, e mal o canto emudeceu, logo se revelou a indigência ou a banalidade do pretexto.

Eu, que não sei o alemão, ouvi um dia um sermão nessa lingua, e, sem haver entendido

uma só palavra, ao fim saí da igreja com a impressão de que não era Bismarck que tinha falado alemão, eram os alemães que haviam aprendido bismarquino e o adoptaram, conformando a alma com a língua — isto é, que tinham passado a usar uma linguagem de poder, império, inflexibilidade, positivismo e governo, tão activa e eloquente nos efeitos sobre o nosso ânimo, como a sympathia em que invariavelmente se me traduziram no íntimo os murmúrios do italiano e do russo, de que aliás não sei mais que do alemão. Quando acabei de ouvir aquele sermão, sabia perfeitamente que espécie de religião elle decretava; via os apóstolos armados em sargentos, o Evangelho pôsto em ordem regimental, com sua sanção em fuzilamentos infernais, e Deus caía dos céus como um aerolito imenso, a esmagar-nos.

Entre gente estranha, foram principalmente estas modulações e a sua aspereza ou suavidade, que me induziram em affectos e desafectos.

Jámais esqueci a punção de saudade que me acometeu, não obstante o estouvamento próprio da mocidade, quando, muito novo ainda, acordei pela primeira vez em terras de Espanha e ouvi falar em volta de mim

uma linguagem que não era a minha. Foi como uma subita orfandade, e ainda agora, volvidos quarenta anos sôbre essa dor, não posso pensar nessa madrugada sem que a mágoa se me renove, porventura num vago temor de que semelhante condenação se repita. Estou mesmo persuadido de que a maior crueldade do exílio será a saudade dessa música, cujo silêncio forma o vácuo do ambiente, destituído da simpatia que a música nos segreda e pela qual inconsoláveis suspiramos, por mais acendrada e solícita que seja a piedade dos estranhos que nos acolham e confortem. O grande liberal Manuel José Mendes Leite, que me honrou com a sua amizade, havia sofrido as torturas da emigração de Lobios e o barracão de Plymouth, e emigrou pela segunda vez no tempo dos Cabrais. Mais do que uma vez me repetiu, êsse ilustre companheiro de José Estêvão, que na primeira emigração havia suportado todos os rigores pacientemente, sem a menor perda de contentamento, embora tivesse de queimar com uma brasa os parasitas que lhe cobriam o corpo, porque tirá-los um a um era demasiado longo; e na segunda emigração, que passou em Paris, com abundância de recursos e em excelente

sociedade, finava-se de saudades. Havia nisso um mistério que confundia aquele homem, de-veras notável pela inteligência e pelo carácter. E hoje, relembrando-o, inclino-me a crer que, se tal sofreu e não soube explicar, seria porque com os anos lhe havia crescido a afeição aquela melodia de que os seus ouvidos andavam privados. Assaz a teria escutado, para se lhe haver tornado uma essência imprescindível da vida. Quando era moço, pôde dispensá-la, porque não lhe havia ainda penetrado profundamente na alma.

Aprendi sòzinho o inglês. Por isso não o leio: vejo-o. Quando me falam nessa língua, é para mim uma tarefa ingente entender o que me dizem. Pois um amigo meu, que foi um vivíssimo espirito, altamente culto, por desgraça bem cedo perdido para as letras portuguesas, José Crispiniano da Fonseca, conhecia a língua inglêsa perfeitamente, educado como foi no convívio aturado de uma senhora inglêsa; e em momentos de desfastio, na intimidade em que vivíamos, repetidas vezes me desafiava para lhe ler em voz alta trechos de escritos inglêses. Então, ao ouvir-me, desatava a rir com um prazer extraordinário, chorava a rir. Achava na exibição da minha algaravia um fenó-

meno interessantissimo; «era que», dizia, «não pronunciando eu correctamente uma só palavra — nem uma só!», exclamava, «parecia-lhe ouvir o mais genuíno inglês.» Cantava-o bem, sem o dizer. Outra não podia ser a explicação de semelhante anomalia. Sem desafinar numa única nota, nem uma única sílaba da letra se distinguiria.

J. Bernardo Shaw, o célebre dramaturgo e pensador inglês, é de opinião que «só a críticos musicais pode permitir-se que tratem de Shakespear — especialmente do Shakespear primitivo.» Porque «é o motivo, e não o libreto, que mantém a vida e a frescura da sua obra.» «O ouvido é o fio seguro que nos prende a Shakespear; só um músico pode compreender o mover de sentimento que é a raridade das suas primeiras obras», de uma «atitude moral convencional», «ideias emprestadas», ainda sem «o interêsse humano esmagador daquelas apreciações da vida, originais, que sustentam o elemento retórico nas suas obras posteriores.» Numa paráfrase de Goethe, Wagner ou Ibsen «encontraremos observações originais, subtileza de pensamento, uma larga compreensão, uma intuição de superior alcance e um sério estudo psicológico dêsses

homens. Demos a Shakespear um feliz en-
sejo comparativo, parafraseando as suas me-
lhores obras e as mais amadurecidas, e nada
mais colheremos do que as banalidades de
uma filosofia proverbial, com uma pouco
freqüente curiosidade, em forma de rudi-
mento de alguma ideia moderna não des-
envolvida. O encanto não começa em-quanto
não acrescentarmos a música shakespeareana à paráfrase, repondo-a nas linhas ori-
ginais. Então, e imediatamente, entramos
noutro mundo.» Coisas estas que «não se
metem facilmente na cabeça do público,
porque poucos, relativamente, dos admira-
dores de Shakespear teem a consciência
plena de que estão a ouvir música, em-quanto
a frase se lhes molda e as linhas se lhes de-
clinam tão fascinantemente e memoravel-
mente.»

Virgílio será talvez uma das mais notá-
veis aparições do génio musical das línguas.
A cada passo, nas suas obras, as palavras
se perdem totalmente na harmonia do can-
to. Êsse sim, êsse poeta cantou, bem dife-
rente de outros, laureados, que apenas nos
mandam nos poemas uns ásperos rumores
de cascalheira.

O terrível demolidor de preconceitos que

é G. K. Chesterton, julga Milton em termos que implicam a atribuição de um valor decisivo às qualidades musicais, na verdade soberbas, da sua linguagem. Não é pelo ardor religioso ou pela profundidade teológica que aquele poeta nos ergue aos céus. Nada disso. «Milton foi artista, e nada mais, só artista; tão grande artista, que só por força da arte alimenta a ideia de que a arte pode existir só por si. Parece-me exemplo quási único de um homem de génio magnífico cuja grandeza não depende nada do ardor moral, ou do que quer que seja que com moralidade se prenda. A sua grandeza está no estilo, e um estilo que me parece desusadamente separado da sua substância.»

E Dante?!...

Dêste nos disse recentemente, numa crítica magistral, o *Suplemento literário* do *Time* :

«Deus nos livre de procurar por uma vã distilação abstrair da sua substância a arte do ritmo e admirá-la no vácuo.» «A beleza rítmica não se pode abstrair da poesia mais do que a voz humana se pode desligar dos órgãos de carne e sangue que a produzem, e dos sentimentos que a afectam.» Mas «a grandeza da concepção de Dante não nos

penetraria o espírito, como penetra, se não nos dominasse pela música constante em que a sua substância foi vazada.» «O ritmo não está só nas palavras e nas linhas; há um sub-ritmo no conjunto do movimento de canto a canto, e mesmo, poder-se há dizer, no sentido como na linguagem.» «O que é precioso na filosofia de Dante, assim como na filosofia dos outros grandes poetas, não é a mestria de um sistema e os seus argumentos explícitos e especulações, mas antes qualquer coisa subjacente dêsses elementos que encontrou a verdadeira expressão na música do verso e que escapa à análise.»

Como expressão da angústia dramática da vida, incerta da compensação das suas dores, o *To be or not to be* do *Hamlet* é meramente infantil, se o comparamos com as agonias do *Livro de Job*. Mas do *Livro de Job* naqueles acordes incomparáveis em que o génio musical hieronimita o verteu. Traduzam-se estes em qualquer língua, e o encanto cessou, e de novo parecerá grande a criação shakespeareana, se a mantivermos naquela soberba harmonia em que foi concebida. Bem inspirada foi a Igreja Católica, quando passou para o cantochão do ritual as mais belas passagens do *Livro de Job*.

Aí, sim; aí encontraram a voz que lhes convinha, ao abrigo de todo o equívoco que as corrompa.

As próprias *Confissões* de Santo Agostinho não deixaram talvez bem marcados os limites da unção religiosa e da unção literária que lhes assistem. Se confronto o texto e tradução, não posso fugir à suspeita de que foi a música aguda, incisiva, do estilo, que fêz milagres de conversão; porventura, foi ela que nos tocou, muito mais do que nos convenceu a dialectica formidável que, em outra voz, também nos levará à presença de Deus, mas não sem nos pôr às costas a cruz de um pêso mortal do esforço da atenção e respectivo enfado.

Por isso em Virgílio, traduzido, seja como fôr, o arrebatamento que nos insinua reduz-se a uma décima-milionésima parte daquele êxtase em que o texto nos inflama — se é que pode dizer-se arrebatamento a claudicante admiração que da sua obra nos resta, quando se cala a magia dos coros em que primitivamente foi concebida e vazada. Aquela passagem célebre, prodígio de orquestração:

*Et jam summa procul villarum culmina
fumant,*

Majoresque cadunt altis de montibus umbrae,

diz isto na versão francesa, da edição de Nisard:

Dejà les toits des hameaux fument au loin, et les ombres grandissantes tombent des hautes montagnes.

Entretanto, todo o encanto se dissipa, porque cessou a música. O que resta é a enunciação lacónica de dois factos vulgares do entardecer, que muito bem conhecemos e compreendemos, e nos convidam à ceia, mas unicamente na ressonância orquestral do poema nos comoviam.

Na tradução de Lima Leitão, pôsto que em verso seja, o efeito não difere do que a tradução em prosa acusou. Porventura melhor se acentua.

Êsse diz:

Já fumam dos casais ao longe os tetos.

Dos altos montes sombras mores caem.

No primeiro verso ainda certa melodia nos embala, mas no segundo, — santo Deus! o coreto desaba, e, em vez dos flautins mal se sente o estilhaçar de barrotes velhos.

Não queiramos, porém, muito mal aos ingénuos que se empenharam nestas emprê-sas e muita coisa boa, e doce, e útil, lá nos

guardaram pelo seu esforço. É que não há traduções possíveis; as línguas são intraduzíveis, tôdas; as do cafre como as do grego. Será tão fácil a transposição de língua para língua como a tradução de Beethoven em Chopin, ou de Wagner em Verdi. Haverá, quando muito, interpretações; e, se são bem feitas, não será coisa pouca a inspiração de quem as fêz.

Tenho a apreensão de que um dos motivos da acessibilidade das obras de Antero de Quental e da perdurabilidade da sua influência, embora se mantenha em elevações religiosas e filosóficas que o vulgo nem sempre alcança, será que Antero, muito espontaneamente, por inclinação natural e sem estudo, como êle confessou, escreveu sempre em português legítimo, cantou com a nossa voz. Porque conhecíamos e amávamos a música antes de lhe ser posta a letra, tornou-se, senão fácil, ao menos tentadora e de pronto prometedora, a penetração do pensamento; por isso, pela simples virtude dêsse viático, porque não carece de educar uma sensibilidade própria, que já achou afeita a seu modo por condições anteriores, os ouvidos complacentemente e sem tardar cedem à atracção da voz que

os toca, e numa súbita tendência de consubstanciação se prestam a escutá-la. No que o génio de Antero — convém notar a divergência, que é elucidativa — se apartará do génio de alguns dos seus contemporâneos e amigos mais ilustres.

Eça de Queiroz, por exemplo, nas obras de pura arte dos seus primeiros períodos, não raro inovou, afastando-se freqüentemente do compasso pátrio, até que afinal, num regresso de filho pródigo reagindo por amor, professou na genuinidade nativa, do que *A Cidade e as Serras* teriam sido, por muitos títulos, qual dêles o melhor e mais nobre, um sinal eloqüente, o adejar de conversão, o renascimento no ventre materno. Foi talvez Eça de Queiroz um dos que importou para as letras de arte portuguesa aqueles *staccato* que a França nos mandou, e que, recentemente, em C. Péguy, foram até perto do absurdo — aquelas frases curtas, quebradas, períodos de uma palavra só, que entre estranhos andam muito em voga para suscitar violentamente a atenção, como atacando-a com explosivos e fragmentando a velha unidade do estilo. Isso, êsse estilo de explosivos à procura de intensidade de efeitos por surpresa, é estrangeiro, do estrangeiro nos

veio. Se está nacionalizado e anda em letra redonda, com aplauso de letrados, o povo ainda não aprendeu a aplaudi-lo, pôsto-que por vezes o use em momentos de qualquer afirmação mais insistente; a propensão das simpatias do povo é para a tradição, na qual ocupa lugar primacial a fluência, essa solenidade pausada e ligada que é tão nossa e tem certo sabor de dignidade, contrastando singularmente com o atrevimento e petulância do *staccato*, pouco de paladares como o nosso, temperado pelo banquete cicero-niano, e que pela moderação se distinguirá, na expressão como no carácter, do vizinho castelhano, impetuosamente exclamatório.

Em o novo ambiente literário que estas questões agitam, soltando das prisões as heresias, surgem para um bem avisado cultivo do património nacional os *Paladinos da Linguagem*, da «Antologia Portuguesa», vindo a abastar-nos de materiais e a descerrar-nos aspectos que altamente nos esclarecem problemas que duplamente interessam, já pelo que em geral representam no desenvolvimento do espírito humano, já e sobretudo pelo que significam para o vigor e riquezas do amor pátrio.

«Colecção de lugares selectos de escrito-

res lusitanos já mortos e que de qualquer maneira se referiram à nossa língua para a glorificar, para a defender e para a conservar ou fazer progredir,» segundo os fins que a «Introdução» confessa, os *Paladinos*, mercê de um trabalho escrupuloso, em que entrou tanta paciência e saber como acrisolada devoção e as sugestões religiosas do amor pátrio, oferecem-nos um sustento incomparável para aprender «a amar, venerar e defender» «o legado mais precioso que nos herdaram os nossos grandes séculos e os nossos grandes homens, a chave mestra da nossa individualidade colectiva, a fiança mais sólida da autonomia futura de Portugal e do Brasil, belíssima língua que fêz de um pequeno povo duas grandes nações.»

«A chave mestra da individualidade colectiva» — registre-se o depoimento. É fundamental; a ciência moderna, cingindo-se à experiencia histórica, entra a dar-lhe foros de dogma e apressa-se a verificar e promover as conseqüências incomensuráveis da sua aplicação à vida das nações, onde apresentará uma estética, uma economia, uma política e uma religião, fecundíssimas e nobilíssimas. Foi isto que com a lucidez dos verdadeiros precursores, João de Barros

nos encaminhou a reconhecer e observar — já lá vão cêrca de cinco séculos! — assegurando que «o mais certo sinal que o Romano pode dar, de ser a Espanha súbdita ao seu império, não serão suas crónicas e escrituras (porque estas, muitas vezes, são favoráveis ao senhor de quem falam); mas a sua língua, que nos ficou em testemunho da sua vitória... As armas e os padrões portugueses postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da Terra, materiais são e pode-os o tempo gastar. Mas nada gastará doutrina, costumes, linguagem, que os Portugueses nessas terras deixarem...»

Algum dia, estas palavras seriam meros erros retóricos, para muitos, e para outros passariam por lisonja e elogio cortesão. Hoje, são a tradução positiva de uma lei em pleno e progressivo vigor no espírito dos homens, e na apreciação e govêrno da actividade das nações e das raças. E o que singularmente distingue êste livro dos *Paladinos*, rememorando o passado, é que nos descobre o alicerce histórico do que poderíamos reputar uma invenção moderna revolucionária; a cada passo ali topamos com raízes cravadas em épocas remotas, avigo-

rando-nos a convicção de que, renovando o estudo para uma cabal compreensão do carácter moderno da linguagem, não somos levados por caprichos de novidade ou fantasia, e apenas nos achamos chegados a certo estado de consciência menos obscura do nosso modo de ser íntimo, necessário, congénito, e, como tal, imutável.

Porventura, não haverá tendência moderna da compreensão da linguagem e da arte de a usar, de que nos *Paladinos* não se encontrem vestígios. Tudo o que agora sabemos e verificamos por efeito de aturada experiência, tudo os *paladinos* suspeitaram por efeito daquelas fulgurações da intuição que precedem as precárias construções da razão, e não raro fazem mais dilatada e certa jornada num dia, do que a razão em cem anos.

Assim é que João de Barros, pressentindo num rasgo penetrante a correlação entre a música e a fala, as reduziu à unidade; em seu juízo, a música «em cada nação segue o modo da fala: linguagem grave, música grave e sentida.»

Cinco séculos mais tarde, Fialho de Almeida não o contestaria, provavelmente; é ele que não acha a prosa de Camilo «suscep-

tível de imitar-se», «porque essa elocução e êsse estilo não são como os dos outros, só feitos de palavras: são a voz de um espírito, teem o timbre próprio de uma laringe.»

Tão certo será, diremos nós agora perante a coincidência de testemunhos de tão alta valia e a tamanha distância um do outro, tão certo será que a linguagem é apenas um dos muitos modos de cantar, pelos quais se revela o espírito e o carácter.

O que, porém, superiormente ressalta da aproximação dos depoimentos que os *Paladinos* nos oferecem, é a dualidade fundamental da linguagem de uma nação, dividida em linguagem espontânea e em linguagem culta.

João de Barros nota a invasão gradual de uma linguagem despolida a misturar-se com a que lhe pareceria culta; achou «cantigas compostas do povo, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda,» mas «tratadas e recebidas de comum consenso.» O tempo «faz as cousas tão naturais como a propria natureza.» Não nos diz por que motivo essas cantigas mutiladas, «sem pés e sem cabeça», tanto caminhavam e se tornavam «naturais.» Mas sentiu o poder dos

instintos a apossar-se da linguagem, e isso nos basta.

Amador Arráis iria mais longe. Êsse estremou os campos e escolheu. Tomou partido, mais «se fundando na diligência, estudo e substância das coisas, que no artifício e elegância de frases polidas, palavras trocadas e consonâncias de cláusulas, em que nunca achou sabor nem foram do seu estômago.» Aqui se insurgiu contra os abusos e doenças da cultura, pelos modos já a seu tempo origem de várias enfermidades; mas, não se quedando a meio caminho e servindo-se do direito de opção, deliberadamente «quis usar de estilo comum e vulgar que serve para todo o género de gente, e deixar muitas coisas que são das Escolas e dos entendimentos nelas exercitados.» O que aliás não obstava a que, isento de fanatismo popular, procurasse «dar seu lugar às coisas e pôr concôrto nas palavras, para que, soando bem aos ouvidos, não somente dissessem com clareza o que se trata, mas também com harmonia e modo de dizer fizessem atento ao Leitor e satisfizessem não só ao gosto dos simples, bons de contentar, mas alapar ao dos letrados, curiosos em examinar.»

Francisco Rodrigues Lobo quer que «fa-
lemos vulgarmente», «qual os melhores fa-
lem e todos entendam: sem vocábulos es-
tranjeiros, nem esquisitos, nem inovados,
nem antigos e desusados, senão comuns e
correntes, sem respeitar origens, deriva-
ções, nem etimologias, que a linguagem
mais pende do uso que da razão.» Não será
êle que se incline a absolver «muita culpa
nos estudantes e letrados que introduziram
as palavras latinas na conversação, fazendo
a linguagem de misturas.» «Tinha raiva,
sabendo que a língua portuguesa não é
manca nem aleijada, ver que a fazem an-
dar em muletas os que a haviam de tratar
melhor.» Só o uso «é fundamento e razão
das palavras.»

E Jacinto Freire de Andrade, um radical
nesta matéria, todo se confrangia com «o
estrépito de vozes novas a que chamam Cul-
tura».

É nestas sombras magníficas que trans-
parece em remotas eras, e com uma conti-
nuidade que é indício de necessidade cons-
titucional, a dualidade da linguagem, os
conflictos da espontaneidade e da cultura,
e também, paralelamente, a desconfiança da
cultura, certo enfado latente «das escolas

e dos entendimentos nelas exercitados», que a denúncia de «muita culpa nos estudantes e letrados» não desdiz.

Semelhante reacção era de esperar. Seria tão viva quanto opressivo era o despotismo que em Duarte Nunes de Leão acoimaria de *torpe rudeza* a voz ingénua fascinante da espontaneidade, absolutamente desprenhada da convenção. No intuito de fortalecer êsse despotismo, obrigando a renunciar ao património acumulado descuidadamente pelas gerações através das vicissitudes e mistérios do tempo, pronto a abdicar da individualidade ingénita na escravidão de latinismos postiços, Duarte Nunes de Leão quis «reduzir a arte e preceitos o que nunca teve arte nem concêrto (segundo êle cria), o qual de todos os homens doutos foi bem recebido;» pensava que, «se não renováramos vocábulos, ou não os tomáramos emprestados quando os não temos nossos, estivera a língua portuguesa e as outras mais de Espanha na torpe rudeza em que a princípio estavam.» Em semelhante obsessão levou a superstição do latinismo ao despropósito de descobrir «elegantes versos» numa salada que hoje nos scandaliza, remexida por um religioso «mui douto nas

letras divinas e humanas e notícia das línguas», autor de

«... versos peregrinos»

«Que lidos em latim, serão latinos,»

«Lidos em português, são portugueses.»

Quer dizer, no conceito daquele ilustre varão, a mais bela linguagem seria a que não tem pátria, ou, pelo menos, a de pátria ambígua.

Se êsse leonino despotismo vingasse, teria acontecido à língua portuguesa o que na opinião de X. Doudan aconteceu à língua francesa no século xvii, «que destruiu a verdadeira língua francesa, fazendo dela uma menina rematada numa só haste, apertada no espartilho, falando sempre no mesmo tom; emquanto a pobre rapariga, no século xvi, (para nós seria o século xiii) era viva, simples, correndo pelos prados, colhendo flores e logo as deitando fora para correr atrás das aves. Ora rindo, ora chorando suas pequeninas mágoas, dizia quanto lhe vinha à cabeça, e tôdas as suas palavras eram variadas e coloridas como os seus pensamentos.» Até que os senhores de Port-Royal, «havendo tido a fortuna de aplicar a geometria à língua francesa», criaram «a

elegante correcção de aves de plumagem absolutamente uniforme», e daí resultou a linguagem «sorumbática, grave, acautelada, lívida e pálida das austeridades».

Felizmente para os destinos da língua portuguesa, quando Duarte Nunes de Leão morreu, deixando-nos o seu desmoralizador legado literário, já andava em terra nossa e amando-a, quem, inspirando-se na pureza da tradição popular e bebendo em fontes de vida, havia de replicar vitoriosamente ao ditador da servidão latina. Não tardaria que, a erguer-nos da prostituição da linguagem, Frei Manuel do Sepulcro clamasse que seria uma «espécie de traição à pátria língua querer desterrar idiotismos no pronunciar e escrever, castelhanando e latinizando supersticiosamente, como se não fôra justíssima coisa que houvesse lusitanismos, como latinismos, hebraísmos, espanholismos, italianismos, etc.»

Lendo isto e considerando a insinuação de princípios salutareos que em tal apostolado se conteem, eu diria que foi o século xvii que fêz renascer a língua portuguesa daquela desnacionalização premeditada que o bom Sá de Miranda confessou, com uma candura talvez digna de melhor emprêgo, e executou

ardentemente, com um talento e um affecto que por muito amar a grei a afastava do lar, «fazendo o que pôde», segundo dizia, para dar «aberta aos bons cantares peregrinos», e, façamos-lhe essa justiça, não sonhando que a casa era estreita para os filhos e peregrinos; não cabiam lá todos, e, quando uns entravam, por fôrça se desterravam os outros, os legítimos possuidores.

Então se revelou a opposição entre a nossa rudeza e o *dolce stil nuovo*, como ao tempo se dizia; então se cavou a separação entre o comum e o culto, a que ainda agora não vemos meio de pôr termo. Recalcada na fermentação natural pelo prejuízo latino da Renascença, que lhe mirrou os germens nas camadas cultas, abastardadas pela imitação do estranho, deixando-os todavia salvos, em plena vitalidade, nas camadas que aquella mesma cultura não alcançou nem podia alcançar, chamando-lhes pejorativamente, por um estulto orgulho, inferiores, a formação da lingua portuguesa foi então estrangulada no desenvolvimento próprio; e nessa interrupção, por diversos modos fatal, se quebrou e jaz partida a unidade nacional. Ficámos a falar duas línguas que se entendem mal, acantonadas em classes próprias que

não podem entender-se melhor. Bastas vezes os arrebatamentos patrióticos costumam recomendar à nação que use e não esqueça a língua de Camões, sem inquirirem primeiro se a nação algum dia falou essa língua (não podendo tomar por nação as minorias governantes empertigadas) e sem preguntarem se não será igualmente benéfico e de direito que, debaixo para cima, a nação recomende aos seus donos letrados que falem êles a sua língua, que êles se identifiquem com a *torpe rudeza* que escandalizava o gramático, e nas veias da qual pulsa e de continuo se renova a genuidade do sangue nacional, em tôda a sua beleza e fecundidade, que muitas são, para quem as souber distinguir e lhes comungar o alento. Haja vista a soberba arte de Camilo, que, segundo êle confessa e Julio Moreira refere, leu «muito pelo léxico das províncias do Minho e Trás-os-Montes.» Não veio das academias.

Nem para avaliar o contraste dessas duas linguagens careceremos de descer da escola à praça pública, ou de nos molestarmos por caminhos sertanejos em busca da genuidade. Sem sair da companhia dos doutos, acharemos diversas línguas e diverso enlêvo

sob o mesmo resguardo de classicismo. Considere-se de um lado a toada camonianiana e petrarquista, setinosa, flexível, de uma suavidade infinita, é certo, mas uniforme, comum a tôda a forma e construção poética e à voz de tôda a gente, ao soneto como à epopeia, à elegia como à égloga, ao servo como ao senhor, ao mareante como ao cavador; comparem-se êsse estilo boleado a primor e os prodígios da sua doçura, com a aspereza angulosa e certo ranger de floresta ao vento, tais quais os poderemos encontrar nas églogas de D. Francisco Manuel de Mello, se as lermos nas edições fiéis à condição primitiva, como essa do sr. Pereira Tavares, a que já me referi. Aproximem-se aí os frutos bem sazoados da preocupação latinizante dos quinhentistas e os cantares desprendidos da ingenuidade popular na sua pureza; e logo são de ver e medir, e aquilatar e graduar, as distâncias de duas diversas falas, usadas e amadas de portas a dentro da mesma côrte, sem que a solenidade compassada retumbante e as atitudes pontifícias do escol conseguissem convencer ou amedrontar e afugentar a desenvoltura descuidada dos familiares menos subidos, atida sòmente à própria graça e candura, rebelde

a leis que a enfreem e quebrem a iniciativa, para lhe pautar pelo dogma a actividade. ; E que tesouros de expressão o plebeísmo anárquico da linguagem nos criou e guardou! Porque a frauta pastoril junta à aspereza estrídula deslizamentos súbitos em placidez, e a aspereza e a placidez alternam-se e conjugam-se numa harmonia surpreendente, e sem cessar variando as modulações. Estranha música para o letrado, e tão difícil de aprender como deliciosa de ouvir, aquela em que o *Crémante* e o *Graviel* nos contam a vida e as penas, e os *desprageres*, com os *quigeres*, e os *fage*, e as *rajões*, e o *cagi*, e o *diger*, onde o sibilar do *z* se amacia em *g*; e os *nom*, e o *pom*, e os *home*, o *crelgo*, onde a acentuação abranda e como amansa, e os *cuda*, e os *ugais*, e os *decho*, e os *sondes*, e os *havedes*, suprimindo o clamor infantil dos *ii*. *Intés*, *antre*, *contrairos*, *perque*, *cais*, *cando*, *alés*. *frores*, *espois* — quantas notas ignoradas da música de câmara, obrigada a abafador de tóda a estridência agreste, sequestrada do ar livre, entre quatro paredes, desconfiada de brisas desordenadas que condena e teme, e afinal são geradas e fundadas numa ordem superior àquela que os homens conceberam, parecendo de-

sordem ; sòmente porque transcende as faculdades humanas de conhecimento e habita em reinos de mistério! Como serão estranhos aquele que para consolar murmurou um carinhoso «*escuita*», ; e aqueloutro que para acudir à turvação soltou um imperativo e grave «*escuta*»!

Quando se consideram as línguas diversas que no chão pátrio se ouvem e se cruzam, mal se entendendo entre si, e quando ao mesmo tempo verificamos quanto é fácil e sumária a língua dos dicionários e gramáticas, e quando é vasta e difícil a língua que de serra em serra vai mudando e em cada quebrada é diferente, a paciência e a esperança do vulgo desfalecem; terão suas razões para crer que em matéria de língua pátria, ou das línguas que na pátria se falam, a ignorância é profunda, tudo está por aprender e é difícil de aprender, tanto mais que o desrespeito da tradição oral tudo perturba.

Por duas vezes já, a língua portuguesa intencionalmente se afastou do curso natural para obedecer às sobreposições estrangeiras — sobreposições, advirta-se, muito diversas em substância, processos e efeitos, daquele naturalíssimo comércio ordinário dos povos

que constantemente modifica as línguas com mútuas e sucessivas transposições, inovações, obliterações, e também, pôsto-que menos freqüentemente, ressurreições. A primeira invasão foi a do latinismo da Renascença, uma aspiração de pureza — como se a água do chafariz, canalizada, fôsse mais pura que a água da rocha, sôlta no bravio, e como se o caldo cozinhado entre o fumo da chaminé fôsse um filtro de mais pura essência que o fruto sazonado ao sol e à chuva. Essa purificação da linguagem, emquanto apartava da língua bárbara a língua culta, cavou distâncias entre gente culta e gente inculta, que excedem, com grave prejuízo da unidade nacional, todo o limite autorizado por uma cultura sensata que a razão admite e é benéfica, se como princípio da própria cultura não esquece que a primeira condição de um espírito individual e público altamente educado é a consubstanciação da cultura e do comum. A segunda invasão, que ainda dura e se alonga em momentos de maior ou menor influência desnacionalizante, mas jamais cessando totalmente, é a daquele *pensar francês* que o Cardial Saraiva condena, e desde o século XVIII nos vem corrompendo os perga-

minhos — «êste pensar francês, que melhor se entende do que se explica, não resultando de um ou outro galicismo que indevidamente se haja introduzido e que com facilidade se pode corrigir e evitar, mas consiste em tomarmos do francês um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, jeito, ou estilo de falar e escrever, que é próprio daquella língua e não conforma com a índole, génio, e carácter da língua portuguesa.» Porque é necessário ter sempre presente o preceito que Francisco Manuel do Nascimento formulou, onde diz que

«... índoles diferentes tem as línguas»

«Nem tôda a frase a toda a língua ajusta.»

Entretanto, entre o mudável alguma coisa se vai fixando de continuo e nos entra no sangue, alguma coisa se torna constitucional. Entre estes assaltos do estrangeiro e dêles colhendo presas, pois nenhum passa sem deixar resíduos, repassando até às maiores profundezas tôdas as camadas sociais, entre estes assaltos, a língua, por impulso de uma vitalidade invencível, nem pára, na sua lenta evolução adaptando-se às mudanças do espírito, nem degenera da voz

natural, que pode mais que a vontade e as pretensões dos letrados.

Nem sequer os letrados poderão dizer onde e quando começou a língua portuguesa. Talvez mesmo algum dia tanto se alarguem as investigações e meditações da filologia que um estudioso ousado possa convencer-se e convencer-nos da realidade do que no presente se afigurará extravagante hipótese, fantasia de poetas ignorantes desprotegidos, quiçá desamados, dos doutos; talvez mesmo algum dia se admita como verosímil uma antiguidade da língua portuguesa que vai muito além de Afonso Henriques, e a fez nascer onde a diferenciação do romano e do peninsular começou. E essa diferenciação era um facto ainda na vigência do império romano, séculos antes da sua queda final. Não tendo a conquista romana suprimido os povos conquistados, e antes e gradualmente havendo-lhes outorgado liberdades que o municipalismo ia guardar e acrescentar, a diferenciação do ibérico e do romano começa e prossegue na hora e lugar em que o pêso do império, abrandando progressivamente pela debilidade do poder central, paralelamente foi libertando os povos sujeitos e, involuntária-

mente, por força das circunstâncias, os abandonou à actividade própria e ao seu modo de ser orgânico instintivo, não excluindo a criação da língua. Marcar o nascimento e idade da língua portuguesa demandaria uma agudeza de visão, uma sensibilidade, que orça pela capacidade de ouvir crescer a erva.

Na verdade, sôbre e além da sciência histórica e da parca experiência que ela haja registado para nosso esclarecimento e governo, há para a comunidade, em geral, um mistério da língua, como mistério eterno subsiste em tôdas as actividades elementares da expressão da alma e na arte que elas constituem, da qual nunca conheceremos senão manifestações de superfície, fragmentos do invólucro externo, que no caso presente atamos e armazenamos para desvanecimento e uso doméstico, chamando-lhes ufanamente gramáticas e proclamando-os tábuas da lei.

O que não invalida a disciplina e suas vantagens. Apenas lhe marca o lugar e a sua altura na graduação dos valores e necessidades.

Se o que na língua se acrescenta, e o que se elimina, e o que se altera, e o que se de-

forma, e o que se corrige e depura, é um facto natural que de ordinário escapa à nossa vontade, os termos em que usamos de todo êsse cabedal por diversas vias adquirido, e muitas delas impenetráveis, depende em extensão não pequena do nosso propósito e julgamento. «Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de Quinhentos é êrro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A êste respeito a influência do povo é decisiva.» Essa influência tem, porém, um «limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr.» (Machado de Assis.)

O *clássico* tem seu lugar, evidentemente; mas é necessário previamente distinguir entre o clássico, aquela ordem estética e moral que o suceder das gerações consagrou como expressão suprema da nobreza e da dignidade humana na intuição da beleza, e a impostura clássica, imitação do clássico destituída do sentimento em que êle se funda e substituindo-o pela mera convenção que, à falta de impulso íntimo que o vi-

vifique e inspire, é a cataplasma que atrai-
çoa, desfigura e corrompe. No tumulto das
realidades conseqüentes dessas duas tendên-
cias, momentos haverá em que o revoltado
anarquista seja o mais puro dos clássicos,
em-quanto o regrado, o submisso, o fiel à
lei se torna o mais perigoso demolidor do
clássico genuíno, quem menos o conhece e
mais o atropela. *Clássico* é um estado de
espírito, a visão da beleza latente na raça e
consumada no espaço e no tempo, que em
todos os aspectos da vida se traduz e aos
diversos aspectos da vida dá unidade; não é
compêndio de regras e reproduções mecâ-
nicas que sob o mesmo nome, e dêle abu-
sando, se vale da fórmula para encobrir a
ausência de espírito e o simular. Há o clás-
sico e a mentira clássica, e esta avilta, como
tôda a mentira, e aquele purifica, como tôda
a sinceridade.

Na linguagem, para bem a guardarmos,
teremos evidentemente que distinguir entre
a criação e a disciplina, uma sujeita a aci-
dentes cósmicos históricos, que os homens
sofrem e em que nada cuidam e nada man-
dam; a outra de natureza racional, obra de
lógica e aplicação da vontade. Entre as duas
artes correlativas, a primeira, a que cria,

não é nossa, é divina, neste sentido, que é independente e superior à acção dos homens; só a segunda nos pertence, a que usa o que foi criado à lei de Deus, até onde a consciência o apreende, e esta arte pouco será mais do que a primeira, regrada dentro dos estreitíssimos limites que a fatalidade da arte natural lhe impõe. Se êsses limites pretende exceder, logo cairá naquela presunção ridícula que toma por sciência e formosura uma acanhada convenção e a exige, e que Antonio Feliciano de Castilho justamente classificou como «o sacrifício de entidades lógicas» a um ídolo chamado gramática.

Dêste modo, não nos competirá apreciar a beleza ou a fealdade das línguas. Apenas, e quando muito, as podemos dispor pelo parentesco dos seus caracteres específicos, naquilo em que nos são acessíveis, e confiando-nos à intuição achar nesse mar insondável o que nos convém ao temperamento e à condição.

«Cada língua tem seus mistérios como suas propriedades; e são suas propriedades seus mistérios!» As línguas são formações naturais, com a harmonia essencial de tôdas as formações naturais, quando na sua inte-

gridade as observamos e usamos. Não há línguas belas nem feias; o que há, e nos confunde e precipita nessa distinção bisantina, são línguas sinceras ou falsas, e as falsas mostrarão tôda a fealdade própria da deformação, do constrangimento e da mentira. A língua é invariavelmente bela, se traduz sem impostura, da qual a preciosidade é um requinte cómico, o carácter e o tempo de quem a usa; se acode à necessidade de expressão, satisfazendo-a pelos recursos naturais no estado virgem. E, inversamente, a língua desafina, soa mal e é feia, quando, ocultando ou atraçoando, por preocupação de perfeição e vaidade, os impulsos do génio que a criou, tenta apropriar-se da expressão alheia, como aconteceu com a nossa língua, quando o latinismo lhe estrangulou o crescimento espontâneo e tanto corrigiu como estragou; ou quando se mascarou com os francesismos do século XVIII, de que, por desgraça, nunca até hoje nos isentámos completamente, sempre mais ou menos intoxicados e empalidecidos de tal moléstia. Fealdade das línguas serão unicamente as sobreposições e violências em que se perde e obscurece o cantar nativo, para dar lugar a um tartamudear mestiço, no qual tôdas

as modulações se poderão esboçar, menos a única vigorosa a sã, que é a da singeleza, a da candura e da franqueza. Também nas línguas haverá os que cantam do peito e os que cantam da cabeça, e nestes abundarão as notas que arripiam.

Tão profundamente, porém, se apoderou dos nossos hábitos e tendências o que, à falta de melhor termo que me ocorra, chamarei a beleza postiça da linguagem, a desconfiança das virtudes da espontaneidade e o correlativo excesso de razão e propósito na escolha do vocabulário e na construção, que não temos que nos surpreender se um escritor do alto merecimento de José Veríssimo parece ceder a propensões de dogmatismo escolástico.

Na passagem dos seus *Estudos de Literatura Brasileira* que a «Antologia» reproduz, implicitamente reconhece que na essência a língua é uma criação natural que escapa à nossa vontade, pois aceita «a divergência na constituição da língua entre o elemento popular e o elemento erudito, mais frisante na língua portuguesa que talvez em qualquer outra do grupo românico, criando por assim dizer nela duas línguas, duas formas de expressões, uma erudita, outra po-

pular.» Mas imediatamente descobrirá um «vício» naquilo que leva jeitos de significar uma qualidade mestra dessa língua popular, que por motivo algum se poderá julgar menos nobre e bela que a língua erudita. E, então, aquele ilustre homem de letras nos diz que «a superabundância de sinónimos, a riqueza embaraçosa de palavras, com a relativa carência de expressões características, deu à língua portuguesa, mais talvez que à castelhana, o vício que os espanhóis chamam Palavreria. A língua é palavrosa e os seus escritores o são com ela. O gongorismo existia em Portugal antes de Gôngora. Gongóricos são mais ou menos quasi todos os seus escritores, ainda os modernos: Camilo o é muito, Latino Coelho muitíssimo, como o foram Rebelo da Silva, os Castilhos, Vasconcelos, para não citar senão os mais característicos. O próprio Herculano não escapa de todo à pecha, da qual porventura só se salvaria incólume Garrett.» E, imediatamente ampliando o libelo, eis que José Veríssimo nos argue de que «decididamente, o aticismo não é uma virtude da nossa língua e da nossa gente. Ou porque esta cópia de vocabulário não fôsse trabalhada por uma literatura verdadeiramente

superior, humana e viva; ou porque nós não conhecemos bastante a literatura que a empregou, o certo é que no uso corrente, popular ou literário, falta à nossa língua precisão. Dai a necessidade, a que mesmo um Vieira se não insentou, de multiplicarem os escritores os epítetos. Reparem: salvo nos moderníssimos, filhos da influência francesa, nós abusamos de uma longa adjectivação. E ainda nesses — Eça de Queiroz, Raimalho Ortigão, Oliveira Martins — há mais adjectivos que nos bons escritores franceses.» Em Vieira, a propriedade, sua qualidade dominante, decai «no qualificativo», e em Camilo «a adjectivação não tem nenhum relevo particular.» «A língua portuguesa deixa muito a desejar como língua de prosa. E, não fôra talvez a obra dos próceres do romantismo português, ela seria acaso de todo imprópria à perfeita expressão das ideias abstractas no domínio da filosofia, no domínio da crítica, no domínio das generalizações especulativas de todo o género.»

Alonguei a citação porque se me afigura um caso típico da sobrevivência dos preconceitos escolásticos, e daquele prejuízo da aristocratização das línguas, que redundafinal no perigosíssimo desquite do leite

materno e na pobreza de nutrição consequente. Numa época de culto da liberdade e de confiança na sua fecundidade, um espírito elevadamente lúcido, sem dúvida, obedecendo ao despotismo académico, inclina-se a rubricar por «vício» o que será apenas feição elementar de uma língua e, muito provavelmente, uma das suas qualidades mais brilhantes, se a observamos por prisma diferente daquele de poucas faces que a mostrou deficiente. Aqui se haveria esquecido que uma língua será a mais acentuada expressão do carácter da raça que a criou e ela define, será a mais eloquente revelação sensível da sua alma, o sinal mais abundante e o intérprete mais seguro tanto das suas afeições como das suas antipatias. Os vícios e as virtudes da língua estarão unicamente na fidelidade ou na desnaturaçãõ com que ela traduz o modo de ser íntimo da gente que ela serve. Para apreciar a língua portuguesa, o primeiro ponto de referência a descobrir não será o princípio ou princípios de qualquer técnica inviolável que se lhe aplique, e onde violentamente nos esforcemos por encerrá-la; o primeiro ponto a esclarecer e marcar será a verificação do carácter mental do povo que a criou e pro-

duziu livremente, em conformidade com êsse carácter, à sua imagem. Se uma língua fôr imprópria, por exemplo, «à perfeita expressão das ideias abstractas», tenhamos apenas por averiguado que as ideias abstractas não serão o prato favorito de quem usa a língua, que pela sua ausência de tal qualidade não ficou desonrada. Talvez muito pelo contrário; não são, por certo, as ideias abstractas que amamentam a arte mais palpitante.

Ora acontece que de todos os povos da península ibérica, e talvez mesmo de todos os povos do Ocidente da Europa, o mais radicalmente romanizado foi o povo português. Não difere muito, se é que difere, o gaulês de Tácito do francês dos nossos dias, como o ibero de Plínio coincide com o castelhano que nós conhecemos; mas do lusitano é que não haverá no português vestígios que deixassem rasto na história. Neste, a indigência de originalidade e iniciativa virá de longe; a transfusão do sangue romano foi perfeita, absoluta, a assimilação completa. O que aqui vive, foi o que a seu modo o romano formou, de tal modo impresso e difundido em nossa carne, que da substância nativa não ficou existindo o quer que seja apreciável e visível. Pode ser que

não tenhamos tôdas as qualidades do romano, muitas por infelicidade nos terão escapado; mas não temos qualidade que do romano não colhêssemos. E o romano é ostentoso, amigo do fausto e da abundância, devoto da pompa, à qual sacrificou a sobriedade dos seus primeiros tempos, que o adestrou na robustez e na conquista. Se a história de Roma não é a história da invasão do luxo numa casa austera, e que pela austeridade se tornara forte, essa tendência e a sua vitória acompanha tôda a história de Roma, deu o ânimo e a arte de muitas das suas glórias militares, e o impulso e êxito de muitas, senão de tôdas as suas afortunadas cobiças.

Gente assim, e a que dessa gente é filha espiritual e mais exactamente procurou copiar-lhe o carácter, não podia deixar de se exprimir na opulência de linguagem que completaria a opulência constitucional de tôdas as suas demais ambições; teria de falar uma língua solene e copiosamente adornada, pelo mesmo motivo pelo qual concebeu uma architectura invariavelmente monumental, na praça pública e no tribunal, como até na aldeia e na granja, onde seria lógico e de esperar o predomínio e rigor da necessi-

dade estrita e da modéstia que lhe corresponde. Em Portugal, como aliás na Itália, quási não há vila nem lugarejo em que o maioral da freguesia não nos imponha morada com frontão e cantarias em arco, ainda que o frontão se contente com dois metros de base e mal contenha uma data, e por detrás dêle, que é sòmente para anunciar ao cliente e ao viandante a grandeza, não se estenda o pátio da lavoura coberto do estêrco, e ainda que a arcaria das janelas haja de servir interiormente para um empoeirado viveiro de teias de aranha. A casa de *brasileiro* é neste género uma especialidade nacional significativa; o resplendor das exterioridades é uma preocupação do português autêntico; sem isso lhe parece incompleta a fortuna, e não poderá ter para a linguagem estilo e aspiração diferentes dos que lhe ergueram a casa; o gongorismo dos azulejos, dos portões de ferro, e das bolas de vidro de diversas côres, que coroam a clarabóia, cúpula do monumento erguido à felicidade e glória de quem alcançou riqueza, e o gongorismo dos adjectivos e sinónimos, são uma e a mesma coisa, uma e a mesma necessidade de um temperamento único, indivisível através de tôdas as mo-

dalidades pelas quais se exprime e dá realidade ao sonho íntimo, à visão da vida. Os letrados poderão achar mediocridade retumbante e prolixidade de mau gosto nas catadupas retóricas de um orador como foi Alves Mendes; o vulgo, e o vulgo não é pouca coisa, já lá vai o tempo que tomou por inferioridade a vulgaridade, o vulgo extasiava-se perante aquelas torrentes de palavras que na igreja o entonteciam, como na véspera, no arraial, o haviam deslumbrado os foguetes de lágrimas. O sermão e o fogo constituiriam os esplendores da festa; enchiam-lhe a alma, tão cobiçosa das fulgurações da retórica como avida de côres e reflexos, constantemente ansiosa pelo brilho.

Quando mesmo assim não fôsse, quando êste jorrar de vocábulos, entre os quais, às vezes, uma só ideja, e frouxa, flutua, não fôsse histórica e psicologicamente uma necessidade da raça, que por instinto o ama e lhe sentirá a beleza intacta de criações naturais, cuja harmonia ainda não foi contrafeita e deturpada pelos caprichos da presunção e da sobranceira de ditaduras académicas — ainda mesmo considerada a linguagem em absoluto, será admissível que a pluralidade de locuções valha a nudez do

aticismo. Em primeiro lugar, ainda não houve génio que designasse ao certo onde acaba a pobreza e onde começa o aticismo, sendo manifesto que à medida que a complexidade do pensamento se desenvolve e o número e aspectos das coisas se multiplicam, paralelamente terá de acrescentar-se e complicar-se a linguagem. Depois, porque não há princípio que nas línguas, como na floresta, gradue a árvore solitária em escala superior à espessura, sòmente por serem diferentes, e aqui se alongar indefinidamente a multiplicidade dos reflexos, e além se estampar com agudeza a nitidez das linhas. E, finalmente, porque, se temos de aceitar como boas as doutrinas de Einstein, que ameaçam abranger tôda a extensão do pensamento humano e prometem consequências incalculáveis; se a relatividade tem de imperar e a «certeza matemática» decai da sua dureza e inflexibilidade, no mover dos astros como na distinção das ideias; se tudo está condenado a ser reduzido a aproximações e mais não podemos, a linguagem mais exacta, mais conforme com a verdade das coisas e com a fatalidade das incertezas e hesitações mentais, será a mais vaga, por paradoxal que semelhante proposição pare-

ça. Em termos de pintura, diríamos que o desenho de todo se atenua no colorido e é o colorido e a sua instabilidade que nos hão-de significar o pensamento, e não qualquer traço delicado e firme, que nunca poderá subsistir na linguagem e nela se reflectir, porque antecipadamente no espírito não foi possível formar-se qualquer concepção de nitidez e pureza de arestas, tão rematadas como o aticismo e a sua sobriedade pressupõem. Por pouco iríamos a concluir que o aticismo, tão requestado e tão lindo, será sobretudo apanágio de qualidades bárbaras; isto é, só poderá convir a um estado de simplicidade que a complexidade dos requintes da cultura excluem, a tal ponto que cultura e degeneração não raro se confundem e na realidade caminham a par.

Todavia, ainda mesmo admitindo que a simplicidade consciente, e o aticismo que necessariamente haja de lhe corresponder virão a ser a expressão última e mais subida da cultura, os temores de prolixidade abrandam singularmente em suas ameaças de pecado. O nosso tempo não pode deixar de os absolver, e é com estranheza que encontra escrúpulos, como os de Amiel, descontente com as tendências de difusão que

na sua linguagem verificava, e de que no *Diário* nos deixou a confissão e lembrança. Havendo aquele insigne filósofo encontrado num romance um personagem com o tique dos sinónimos, pareceu-lhe surpreender em tal aparição o seu retrato e, amedrontado, escreveu: «Tem cuidado contigo; inclinas-te para aí. A procurar a cambiante mais exacta do pensamento, percorres a escala dos sinónimos e muitas vezes a tua pena procede por tríadas... A expressão única é uma intrepidez que implica confiança em si e clarividência. Para chegar à nota única, é necessário não duvidar, e tu duvidas sempre.»

Isso, porém, que ao espírito embalado de estabilidade pareceu dúvida, a reflectir-se na incerteza da linguagem, não seria antes a flutuação inevitável do pensamento nas suas profundezas a exprimir-se na hesitação da linguagem, não seria antes a maior das certezas, senão a única? Não seria antes que, na realidade, não há duas locuções que inteiramente coincidam na significação, nunca serão repetição absoluta uma da outra, cada uma é a imagem de diferente aspecto mental e dêle nasceu, e por isso a riqueza de locuções nunca pode

ser pleonástica ou redundante, mal chega para completar a expressão, ou melhor, é o processo de maior aproximação da expressão, que de sua natureza e debilidade ficará implacavelmente imperfeita, por acabar?

Verdade seja, convém lembrá-lo, que estas dúvidas e escrúpulos de pecado literário, de que Amiel foi notabilíssima vítima, se manifestavam, segundo a data do *Diário*, em 1877, no tempo em que a arte fotográfica se esmerava em focar a primor, valendo-se do poder das lentes para retratos que eram a suprema e encantadora falsidade, estampando e fixando com uma nitidez capilar muita coisa que os olhos não alcançavam e por isso era apenas uma realidade da lente, que não a dos nossos sentidos. Hoje, é diferente; confiamos mais no vago que no positivo. Para mais se aproximarem da natureza e da verdade, como em nossos sentidos as percebemos, as fotografias serão intencionalmente desfocadas; queremos que nos guardem aquelas doces neblinas que afinal são a essência irredutível de tôdas as coisas.

Melhor profeta do que Amiel, mais próximo de nós, embora mais distante nos anos, teria sido Joubert, quando escreveu:

«Eliminemos das palavras tôda a indeterminação, façamos delas cifras invariáveis; logo cessa a agilidade da palavra e logo acaba a eloquência e a poesia. Quanto importa mobilidade e variabilidade nas afeições da alma ficará sem expressão possível. Digo mais: se isentamos de todo o abuso as palavras, nem axiomas haverá. E' o equívoco, a incerteza, quer dizer, a flexibilidade das palavras, que é uma das suas grandes vantagens e permite usá-las com exactidão.» O que Joubert completa, quando, apreciando os grandes pintores, escreveu: «E' necessário não confundir o traço puro com o traço exacto. Rubens é um grandíssimo desenhador; mas a qualidade dos objectos que êle tinha de pintar, formas desiguais e nodosas, contornos grosseiros, exigiam-lhe no desenho uma terminação mais obtusa (*bossante*), se assim posso dizer, do que acabada em linha elegante e precisa.»

X. Doudan, que significa nos tempos da restauração orleanista em França aquella mesma elevação e delicadeza de espírito que foi a glória de Joubert na era napoleónica, julgou como êste as maravilhas estéticas dos elixires que chamamos concisão e clareza. A quem imaginava que «ser poeta

é ser sóbrio» respondia que «se a natureza fôsse coisa susceptível de se fazer de novo êsse homem não lhe punha lá senão cisnes e gansos, e nenhuns flamingos, nenhuns colibris nemhumas môscas brilhantes; o sol caíria no poente, em grande cama de lençóis brancos, cortinas brancas, e com uma carapuça de algodão branco. ; Um lindo rei da natureza, asseguro-lhe! No fundo desta teoria da sobriedade, oculta-se um veneno frio, que mata lentamente as imaginações. A sobriedade é um limite, e não um móbil... O apóstolo disse que era necessário não nos *embriagarmos de sobriedade, sapere ad sobrietatem*. É também uma regra de estética. Se muito instam, iluminarei as igrejas com vidros de côr aos domingos e dias de festa. Tão vivamente goza o prazer de não ver côr, não ouvir um ruído mais forte, não topar com um movimento mais brusco, que o fundo de tal sistema é:

Je ne vois que la nuit, n'entends que le silence.

Nem trata com mais carinho a clareza: Há momentos em que quer tanto a uma» grande embrulhada como a uma estrita precisão. Quer tanto a grandes charcos turvos e por vezes profundos, como àqueles

dois copos de água clara que o génio francês atira ao ar com certa fôrça, gabando-se de subir tão alto como a natureza das coisas... Há muito tempo pensava que quem não tivesse senão ideias claras seria, de certeza, tolo. As mais preciosas noções que a inteligência humana resguarda, estão no fundo da scena e em meia luz; é em tórno destas ideias confusas, cuja ligação nos escapa, que esvoaçam as ideias claras para se alargar, desenvolver e elevar.»

Não será invenção moderna das impaciências anarquistas o reconhecimento da coincidência da *obtusidade* e da exactidão da linguagem. Algum mistério as teria concebido no mesmo ventre, para que de tão longe e pela voz de tão altos intérpretes nos fôsse anunciado o parentesco.

Acaso os incriminados de prolixidade poderão ainda alegar em defesa que isso a que damos semelhante nome, reputando-o, pelo menos ocioso, quando não o tomamos por vício mortal, isso será em ultima análise o processo pelo qual na linguagem se produzem efeitos de harmonia. Embora sucessivas na enunciação, as palavras acabam por confundir-se num só eco;

do fim trazem-nos aos ouvidos uma vibração única, como se simultâneamente houvessem sido proferidas. Diversas na modulação inicial, prolongariam a sonoridade a ponto de se identificarem na derradeira impressão que nos comunicam e em que se integraram, impressão que nós nesse estado apreendemos e importará a revelação de um carácter, que nenhuma dessas palavras seria capaz de significar só por si. Aqui a singeleza mudar-se-ia facilmente em superficialidade e insuficiência; a profundidade e a concepção da totalidade não poderiam prescindir da difusão e da complexidade. Ainda que por vezes se manifeste tumultuosa, a pluralidade das locuções servirá para qualquer coisa não de todo diferente dos múltiplos recortes de uma folha dentada, todos desiguais, mas, sem embargo, acabando por nos oferecer a possibilidade, abundantemente demonstrada e aproveitada pelos estudiosos, de os compendiar num só traço que os representa, no qual lhes fica gravado o ritmo essencial e comum, sem que entretanto êsse traço coincida inteiramente com qualquer dos recortes observados. É uma resultante, não é uma imagem; e só como resultante com-

preende as infinitas modalidades que foram necessárias para a produzir.

Note-se — a gente do povo é habitualmente *maçadora* na conversação; repete, emenda, arrasta, não conclui nem remata, e nesse barro informe consegue transmitir-nos o pensamento, com uma eloquência incomparável, com um poder de penetração e fixação que é maravilha, perante o qual desmaia a arte de gramática e dicionário, e tôda a custosa fazenda tecida e suada nos teares académicos. Atente-se neste fenómeno de negação ingénua do aticismo, e não será talvez desassinado atribuir à prolixidade o valor de uma necessidade constitucional da nossa gente.

Por êste lado de abundância de materiais e riqueza de mecânica que os ordene, não seremos, graças a Deus, dos menos bem providos para dizer com uma arte esplêndida o que pensamos, sentimos e queremos.

Belamente no-lo ensina o Snr. Agostinho de Campos na sùmula magistral sôbre as *Riquezas da nossa lingua*, incluída na «Introdução» dos *Paladinos*, e que, a meu ver, melhor ficaria como remate do livro e demonstração cabal, não só da excelência da nossa lingua, mas também do talento do

mais recente e consciencioso dos seus paladinos, que tão hábil e devotadamente lhes resumiu e acrescentou as lições.

Diz-nos o Snr. Agostinho de Campos que «se é certo que tôdas as linguas cultas devem considerar-se igual ou quási igualmente ricas de vocabulário e facilidade de expressão, não o é menos que umas há mais bem dotadas que outras, no tocante à riqueza de sonoridade e à variedade morfológica e sintáctica»; e julga que, «encarada por esta face, não tem a língua portuguesa que invejar a nenhuma, e muito menos à francesa, pela qual os literatos portugueses se foram deixando apaixonar desde longos anos, com infidelidade adúlterina à legítima fala nacional».

Para provar o asserto, o Snr. Agostinho de Campos aduz em treze artigos uma recapitulação do inventário das riquezas da nossa língua, e sagazmente pondo em relêvo e acentuando o valor e fecundidade estética de cada um dos predicados que êsses treze artigos distinguem, glosa o rol das vantagens que por condição natural nos couberam, inteiramente nos persuadindo da alta capacidade que neste capítulo nos assiste. Nessas qualidades, perspicaz e conscienciosamente

ali observadas e notadas, acharemos os recursos copiosos que nos dotaram a língua com uma flexibilidade viril, de extraordinário poder, outorgando-nos aquela robustez de construção que a distingue e não exclui a destreza da curvatura, quando necessária ou conveniente para relêvo e maior exactidão—destreza de curvatura, advirta-se, que é coisa diferente e mais nobre do que a graça, entendendo por graça a propensão constante de certo movimento papilionáceo, que facilmente suscita impressão de leveza e fragilidade moral subjacente, positivamente brigando com o carácter nacional, pesadão e trôpego quando, esquecendo o respeito devido à gravidade original da sua gente, entra a bailar imitando aptidões alheias, de ordinário francesas, para as quais não o fadou Deus.

¿Em que espécie de arte, ou melhor, como é que com mais seguro êxito a arte poderá usar dêsses recursos da língua portuguesa, que no correr das gerações e espontaneamente se lhe acumularam?

Sôbre isso, o Snr. Agostinho de Campos, dizendo pouco, diz, se não me engano, quanto em semelhante matéria importa dizer e saber para atingir a maior beleza. «O ar-

tista» considera o ilustre critico, «tem de construir e constrói sempre o seu raro instrumento de expressão só com os materiais que lhe fornece a lingua rude e bárbara do povo.» «A boa e a verdadeira arte, a arte mais nobre e a mais difficil, está em obter com palavras de todos os dias formas de expressão que nos agradam e nos deliciam, porque nos parecem, além de claras e belas, raras, novas e imprevistas.»

Consinta o mestre que eu risque a «mais difficil» e ponha, em seu lugar, a «menos vulgar»; e depois deixe-me guardar êsses dois curtos períodos como o mais completo evangelho da arte da linguagem. E riscaria «difficil», porque me lembro da observação de Vitor Hugo a quem supunha difficuldades ingentes na construção dos seus poemas: — «Isto», respondeu o poeta, «ou é fácil ou ou não se faz.»

Napoleão, cogitando nas conclusões da experiência política, achou que «há um homem mais assisado do que qualquer de nós, e êsse é *tout le monde*.» Isto é, haverá um todo mais assisado do que qualquer das suas partes activas componentes, ou mesmo do que a soma dessas partes; haverá uma sapiência que só reside no todo e é a sua

emanação, negando-se a encarnar e a manifestar-se em qualquer das partes que o alimentam. E para a arte, como para a política, a lei será igual; há uma arte, a única perfeita, que pulsa em *tout le monde*, e esmorece onde se individualiza; de forma que a arte suprema não será uma individualização, por mais singular e apurada que pareça, será uma consubstanciação com o comum.

A arte, esta da linguagem como as demais, ou o instinto a guia e a inspira, ou, se descamba a procurar nas gramáticas o que lhe falece na simpatia com o comum, nunca dará à luz senão filhos que nascem mortos ou para curta vida.

Folga o meu inveterado anarquismo, não se encontrando longe de semelhantes tendências, declaradas em quem sabe o que diz e o que faz, juntando à subtileza a consciência; e porventura, mestre e discípulos e os simples vagabundos das letras, todos poderemos fortalecer as inclinações aplicando ao uso da linguagem a lei geral da arte que Antero de Quental formulou nestas breves e profundíssimas palavras:

«A arte, por bela e sedutora que seja, não é ainda assim mais do que um reflexo, um

símbolo do ideal supremo da vida moral, e êsse ideal, subsistente em si e por si, não precisa de formas, caducas afinal ainda as mais esplêndidas, para se afirmar, pois o que é tira-o de si, da sua substância inesgotável, espiritual, infinita.» (1)

Donde numa vaga conclusão, cujos elos a debilidade de minguadas fôrças lógicas não me deixa destrinçar, pressinto que os grandes mestres da arte de dizer e escrever serão apenas a fortaleza do carácter, a lucidez do conceito, a sensibilidade da intuição, e sobretudo o contacto da vida nas suas formas virgens, invariavelmente belas e robustas, sãs, de uma harmonia e de uma pujança intactas. Para a linguagem, como para tôda a arte, a assiduidade da presença das formas populares ingénuas será o mais precioso dos livros de ensino. Letrado entre os letrados, o Snr. Agostinho de Campos, não obstante essa qualidade que lhe poderia autorizar afeições académicas, confia na efficacia da «língua rude e bárbara do povo» para alcançar a mais subida arte literária. Outra

(1) Carta a António Molarinho, publicada na *Lira Romântica* dêsse ilustre e malogrado poeta. (Coimbra Editora, Lim.; 1921.)

coisa não avista, como pôrto de salvação, a minha ignorância literária insubmissa; a mais fecunda de tôdas as culturas será a intimidade do bárbaro e do inculto, ainda não poluido das convenções, que são o rebôco da impostura.

E' nessa barbaria que acharemos fundidos e identificados numa arte perfeita o passado e o presente, isentando-nos de procurar conjugá-los por precários estudos e artifícios. A consideração superficial dos diversos modos de expressão pela fala através dos tempos e das raças dividiu as línguas em línguas mortas e línguas vivas, designando por essas palavras línguas do passado que pareceram totalmente em desuso, e línguas do presente que reputou em prática actual. Concedendo que alguma coisa haverá de verdade em tal partilha, será necessário corrigir-lhe o radicalismo, dizendo que tôdas as línguas envolvem elementos mortos, e elementos moribundos, e elementos vivos, incessantemente realizando uma eliminação de elementos caducos feita em proveito de renovações que os substituem, e dêles vieram e nêles se enraízam. A vida é contínua, desconhece e não pode admitir compartimentos hermeticamente fechados e muralhas da

China, como semelhante classificação das línguas pretende estabelecer. No Ocidente da Europa não há, de certeza, língua mais viva que a latina, embora no rol das mortas se inclua; aflora por tôda a terra, tem voz em tôdas as bôças. Como, provavelmente, na outra grande divisão da Europa, lá para o Oriente e terras do seu domínio, não haverá língua mais viva do que a grega; cantará ainda em todo o peito, em todos os ouvidos ressoa. ¿Quem é que sabe o que nessa mesma língua latina, nascida da terra, como as demais, sob influências diversíssimas, ¿quem sabe o que é que nessa língua latina flutua do sabino ou do équo, do samnita ou do etrusco, e de quantos povos Roma amalgamou entre as suas sete colinas? E, sendo assim, ¿quem é que sabe o que dêssas vozes confundidas cantará ainda hoje, por herança latina, em a nossa voz? Não há linguas mortas, como não há architecturas mortas; a vida em tôda a sua extensão será um campo infinito de ruínas viridentes, ininterrompidamente rejuvenescidas, engrinaldadas de rosas enraizadas nas fendas dos muros desfeitos e lá se alimentando, povoadas magnificamente de heras verdejantes, que cobrem os fustes mutilados e nêles

se apoiam, para se erguer à luz e balouçar ao vento. No pulsar dêsse tumulto se associam e mutuamente se sustentam a morte e a vida; do que morreu se nutre a vida, enquanto a morte se enriquece dos despojos quotidianos da vida, que a morte não ocultará nem disputará à vida quando ela quiser reanimá-los. Em semelhantes fontes de vida há-de a arte literária beber, se tem de ser viático de amor entre os homens, elemento de exaltação da simpatia, transmitindo com o vigor moral os êxtasis salutarés da contemplação. E o Snr. Agostinho de Campos bem o sente onde achou «escritor estrangeiro» — estranho ao nosso coração e inteligência, na verdade, senão antipático — «o escritor nacional que o obriga, para o compreender, a saber francês, ou a tirar da estante o *Elucidário* de Viterbo, ou ainda a fazer estudo novo e especial da sua nova e especial maneira de dizer.» E' que êsse escritor interpõe entre o discurso e o leitor a verdadeira língua morta, e até aquela que ainda não viveu.

Só as línguas que assim vivem importarão à arte literária, e essas ou se sentem intuitivamente, ou não se falam. O resto, o que nos pode ser comunicado e mandado,

fundido em regras catedráticas, imposto externamente, é a ciência mínima da arte, pouca coisa, quasi nada, comparado com o que há-de brotar de simpatias subconscientes e da revelação interior. Não sei, nem nos meus exíguos cabedais literários tenho elementos para saber, que espécie de ferramenta empregaram na técnica literária os mestres antigos e modernos que legaram monumentos da língua portuguesa, um Frei Luís de Sousa, um Fernão Lopes, um Trancoso, ou um Camilo, um Eça, um Ramalho e um Fialho de Almeida. Imagino, porém, que não teriam nas bibliotecas grande cópia de compêndios dogmáticos sobre a sua arte; talvez nenhum; no vigor dos ímpetos se lhes adivinha o desprendimento de estorvos tutelares que lhes quebrassem a energia. Quem lhes assistiria de contínuo e lhes guiaria a mão para construir, emendar e corrigir, seria qualquer divindade por demais poderosa para se sujeitar aos modestos conselhos e determinações dos pedagogos. Cândidamente lhe chamariam talvez bom-gosto, sem aliás poderem verificar quem é que lhes mandava e impunha essa divindade e essa religião. «Cada língua tem seus mistérios», disse o monge, na meditação claustral em que os

mistérios sondava; e mistérios só por mistério se penetram, não há ciência do mundo, filha da razão, que os alcance e ponha em forma tangível. Cria-se um estilo onde se criou um carácter, onde uma aspiração da alma se firmou e repete; não se comprime a aspiração em qualquer estilo preconcebido, já usado, e de ordinário gasto, em serviço de aspiração diversa. O que nos dá a ilusão de intermutabilidade de semelhantes elementos conforme nosso desejo e capricho, é que a linguagem e o estilo, nascidos da exigência de aspiração, facilmente, depois de criados na sua espontaneidade própria, nos parecem pura obediência a regras preestabelecidas, porque de facto encerram um sistema, teem seu nexo, sua ordem de vida, mas derivada unicamente da persistência e preponderância do ritmo e da cadência característicos. Pois, não se esqueça, a arte, «o que é tira-o de si, da sua substância inexgotável, espiritual, infinita.» Quem assim a sentiu e concebeu, foi o menos afeiçoado à gramática e pela gramática, entre quantos usaram gramática, sem por isso deixar de ser tão assombroso artista como filósofo profundo e incorruptivelmente santo.

Tudo levará a crer que o vigor de impres-

são da arte literária estará mesmo em proporção inversa da extensão em que as tiranias gramaticais a dominam. No afêrro à convenção envolvem-se espectros de debilidade e inconsistência, próprias dessa propensão e escravidão. A arte mais pura e penetrante será talvez aquela que, ignorando os arsenais do artifício, confiadamente liberte o génio para as «construções insólitas que desconcertam tôdas as previsões gramaticais», e que tanto confundiram A. Pierron, quando com elas se achou, ao traduzir Marco Aurélio. Mesmo sem sairmos da «Antologia», compare-se no seu âmbito um Fernão Lopes, onde o ímpeto e a cadência natural da narrativa sobrepujam, manifestamente, quaisquer temores e cuidados de observância gramatical, modesta serva na retaguarda da esplêndida empresa; compare-se essa independência de um artista indómito com a escravidão latente de um Lucena, repassado de disciplina, acaso incluindo a sujeição da arte literária a algum *Perinde ac cadaver* gramatical, consoante a sua ordem religiosa. Confrontem-se aí os efeitos da inspiração e absorpção em impulsos íntimos, e os efeitos do zêlo da regra e da encarceração nas suas muralhas. A conclusão não sofre dúvida: a

arte maior, a expressão mais subida e cativante, foi a que mais se prevaleceu da liberdade e mais absolutamente emancipada de conselho alheio se rendeu ao império da alma.

Nem me parece que os grandes reformadores em matéria de linguagem o houvessem sido deliberadamente; reformaram quando menos pensavam em legislar e impor. Se a ditadura exerceram, foi por contágio, não por propósito. Os Eças, os Ramalhos e os Camilos não vieram a decretar reformas da linguagem; não estava isso no início do intento literário. Fizeram reformas, é certo, mas por força de lógica, por acidente de outro apostolado em que se lançaram. Êsses homens, como em regra os reformadores de linguagem em todos os tempos, vinham apenas para dizer em termos próprios do seu pensamento aquilo que a necessidade psicológica os instigava a propagar; a reforma da linguagem foi subsidiária da reforma do pensamento. Seria êsse o caso de Sá de Miranda e de Camões; a iguais divindades erguendo o turíbulo, soltariam um fumo que se derramou fora do templo e fêz que os incautos tomassem o fumo pela divindade. Teriam

vindo à procura daquela ordem, simplificação e clareza nas ideias que algum dia prevalecera numa civilização remota, e de novo reaparecia em terras estranhas, a desbastar a espessura por demais cerrada e confusa da vitalidade medieval. Daí o emprêgo de uma linguagem que correspondesse àquela aspiração, adequada às suas exigências, castigada, simplificada, quiçá mutilada, que a simplificação não raro vai mais longe de que é mister, e descarna, seca, esteriliza. Seguiram-se outros que, alheios à visão dos profetas, tomaram o fumo pela divindade, e ao fumo sacrificaram em vez de prestar culto à divindade; e assim se acenderam os fumos vários de religião, assim se adoraram as gramáticas destituídas do pensamento que as criou, assim se caiu na inanidade depauperante do chalrear escolástico.

Entretanto, porque passávamos à escola e dentro dela deixávamos de ouvir o murmurar da rua, entrámos a contemplar a língua individualizada, caímos na idolatria dos *autores*, e desaprendíamos a língua anónima. Cultivando certa espécie de miopia a estudar a letra redonda, a analisar e interpretar as obras das grandes individualidades literárias, isto é, a contemplar a excepção,

fascinados pelos caracteres extraordinários, de todo deixámos obliterar o conhecimento das suas relações de parentesco, afinidades e dependências do comum, e de facto, com um prejuízo formidável, renunciávamos à herança paterna, em troca de poucas jóias que encontrávamos no espólio e nos propúnhamos imitar e reproduzir, não considerando que a imitação e reprodução acabam pela renúncia à vida própria, com o tempo se convertem em mecânica, na qual se afunda a capacidade criadora. Ao terminar a leitura de um Frei Luis de Sousa, o que eu estimaria saber, para meu proveito e educação, e o que a escola não me diz, é em que linguagem os noviços do convento contavam aqueles mesmos factos que um talento peregrino da sua congregação nos transmitiu com esplendor único. Não escreviam todos assim, nem assim falavam todos; é manifesto. Mas haviam de ter sua eloquência própria, e dessa não guardou lembrança a escola; e pena é e grande mínima, para quem se propõe usar a língua materna, porque os que vivem com o povo, principalmente com o povo das serranias, onde da corrupção habitualmente se refugiam as tradições na maior pureza; os que

vivem com o povo sabem que maravilhosos poderes de expressão são apanágio de humilíssimos analfabetos, e não acharão exagero no cálculo que por cada dez talentos cultos e afamados encontre cem génios incultos e ignorados.

O primeiro elemento para avaliarmos a raridade e engenho do peregrino será conhecer até que ponto êle se integra no comum para o sublimar, ou até que ponto se divorcia do comum para o deturpar. A propensão a erguer os olhos para os píncaros, em que a escolástica literária nos educa, de todo nos cega para avistar as grandes planuras, onde o formigueiro das gerações caminha despreocupado, sem esforço nem alfaia expressamente complicada. E neste pendor tropeçamos na ignorância de pontos de referência pelos quais se julgue da altura, tôda relativa, a que os píncaros se ergueram, e se aprecie o quilate da composição da sua substância, o grau em que nela entrou o chão comum, e a consistência que dêsse fabrico tirou, ou a frouxidão em que por mingua dessa liga caiu.

Nesta conjuntura e na aridez em que por excesso e predominância de espírito escolástico nos precipitou, é que os filólogos aco-

dem a soltar e engrossar uma corrente, sem dúvida salutar, banhando-nos em águas cristalinas, purificadoras. Porque o filólogo frequenta as plebes, delas colhe os cabedais; emquanto o artista das academias, salvo casos raros, como foi recentemente o de Camilo, isola-se ou fecha-se num círculo apertado, frequenta aristocracias, e no seu espírito de privilégio e sobrançeria se alimenta, com elas se habitua ao desdém, senão à aversão das plebes. Ora a vitalidade essencial das línguas, como a vitalidade de tôdas as energias que constituem as sociedades humanas e as caracterizam, reside nas plebes, donde as aristocracias se estre-maram, entretanto mingando em fôrça o que apuraram em singularidade; a vitalidade deserta pouco a pouco das aristocracias, por fatalidade de leis naturais demonstradas na história, e as aristocracias, sendo o degrau mais alto na ascensão à nobreza, são por isso mesmo um limite, um extremo perigoso, tão distante das fontes da vida que lhes deram um impulso que pela distância abranda, como próximo dos precipícios em que as degenerações as dissolvem. De forma que a crítica e a arte literária sòmente são completas, o mistério das línguas sò-

mente começa a decifrar-se e deixa entrever revelações, quando ao conhecimento e estudo dos monumentos das suas architecturas junta a intimidade das choupanas, a frequência do comum; quando aos banquetes dos frutos delicados dos dias grandes, que outra coisa não é a literatura clássica, junta o caldo e a broa da fala popular, verdadeiro pão-nosso de cada dia, único capaz de manter a saúde e o vigor, e também a beleza que a saúde e vigor invariavelmente realizam e exprimem, e a inapetência e o fastio escolásticos, origem fatal de anemias, não sabem nem podem nutrir. E' por virtude dêste novo conceito da arte literária, residuo fecundo da experiência da indigência escolástica, que a crítica moderna, não só legitimou muita coisa na linguagem, que se chamava êrro, a *tôrpe rudeza* do gramático, mas aí veio a descobrir a suprema beleza, uma eloquência de sublimidade de expressão que transfere para a cultura o *entorpecimento* da rudeza. Agora se verifica que debilidade os punhos de renda provocavam e cobriam, e, para recuperar a robustez perdida, eis que nos afreimamos a escrever de novo com braços tismados ao sol.

; Que lições de arte tenho ouvido ao povo

—onde êle é povo e ainda não se matriculou caixeiro viajante; onde a tarântula do convencionalismo ainda não o mordeu; e a preocupação imbecil de se aprimorar não lhe cortou a firmeza e os arrojados viris da ingenuidade!

Um dia, no Caramulo, lá no bravio onde os penhascos reinam, entrei numa taberna, para dar folga e o jantar ao meu guia.

Era uma casa defumada e escura, húmida e térrea, encostada à penedia, que formava a parede de uma das faces, adornando o interior com a protuberância nativa das rochas. Se as Fúrias habitavam antros, bem poderá ser que ali houvessem morado.

Sentei-me num cepo de carvalho, à entrada, a fugir da atmosfera vinolenta, onde a temperasse a exalação resinosa do montado.

Entretanto, não despegava os olhos da rude figura que era o taberneiro. Prendia-me. Face glabra, tôda barbeada, nariz adunco, peito largo, espadaúdo, negro, áspero no falar... ; seriam assim os companheiros de Pompeu? ; Quem sabe se ali estava o sangue puro de algum retardatário das legiões romanas! A mercadejar, perdeu de vista a sua gente, e depois fêz domicílio da pousada accidental, lavrou a terra, apas-

centou o rebanho, criou filhos, amou o chão que o sustentava, e do acaso que o desterrou, fez a pátria que estremeceu.

Guardava os bens. Pela manhã, fôra ao pinhal. Sentiu gente a roubar-lhe a lenha. Correu. Era uma rapariga, e logo ela fugiu à ira ferina da avidez; conhecia-a, por famosa, e temia-a. E êle, praguejando, agarrou o feixe, que já estava atado, e trouxe-o para casa.

Meio dia. Eis que entra a filha e o bando dos netos. Veem do trabalho, e vão lá para cima, para o sobrado, sôbre a taberna, a comer o caldo.

O taberneiro enche o pichel, e sobe a escada, a pô-lo na mesa.

Donde eu estava, ouvia-os. Falavam pouco; pausas longas, frases soltas. Quem mais falava, era o taberneiro. Inquiria o meu guia, insistentemente; donde vínhamos, para onde íamos, e para quê. A desconfiança acusava-lhe o estrangeiro; talvez o inimigo. Acautelava-se, não fôsse alguém que mal lhe fizesse.

Nisto, arrastadamente, assoma à porta um rapaz alto, magro, esfarrapado, esquelido, na palidez acre da miséria ressumando aversões.

— «¿Que é que tu queres?» diz-lhe o taberneiro.

— «Dê-me a corda, tio João... Vinha pela corda.»

«— Não te dou a corda.»

«— Mas a corda é minha, tio João. Eu não lhe roubei nada.»

«— ¡Não a emprestasses! Bem sabias para o que ela era!»

E um primeiro assômo flamejou na escuridão da casa.

— «¡Dê-me a corda, tio João!»

— «¡Não te dou a corda!»

De lado a lado fumegavam cóleras.

— «¡Há-de dar-me a corda!»

— «Não te dou a corda. ¿Ouviste?!...»

— «¡Veremos!...»

— «Pois veremos!... Bem sei quem tu és. ¡Teu pai morreu na costa de África!»

E, dizendo-o, o taberneiro curvava-se sobre o balcão, olhar fulminante, punhos cerrados; e o rapaz voltava costas, pausadamente, a arrastar os tamancos, cabeça baixa, murmurando no rancor um derradeiro «¡Veremos!...»

Em breves palavras e num breve instante, a avarêza e a miséria haviam combatido o seu combate, numa explosão que pôs o

espaço em chamas, rubro como ferro em brasa; e tôda a tarde, descendo a serra, aturdido do drama, comigo repetia: — «Oh!, Shakespear! Que pequenino foste!»

As realidades anónimas excedem todo o génio individual, o maior; a grande arte é só esta, criada livre, e misteriosa, na aspe-
reza dos fraguedos e em profundezas inson-
dáveis da alma. Se é que o génio e a arte
não serão antes a captação e expressão de
partículas mínimas do génio das raças,
gerado no segredo divino, e se é que erra-
damente não temos tomado por elevação
acima do comum aquilo que será apenas
uma penetração e revelação, lúcida, pôsto
que exígua, mesquinha, do comum.

A grande arte é a que o espírito criou na
liberdade e plenitude da vida; não é aquela,
invariavelmente descorada e tísica, que o
artífice pode fabricar com grande dispêndio
de engenho, ajeitando resíduos e fragmen-
tos das criações que algum dia germinaram
no espírito alheio, e dêle cresceram e se
desprenderam, caducando à medida que no
uso e disseminação se afastam da origem.
A' arte literária se applicará com rigor
absoluto o preceito religioso do Apóstolo:
«A letra mata e o espírito vivifica» — êsse

preceito que o Profeta de Assis traduzia aos irmãos, instando para que não o esquecessem, e dizendo que «são mortos pela letra aqueles que sòmente sentem necessidade de conhecer as palavras que êles imaginam que os tornam mais assisados que os outros, e por elas podem alcançar grandes bens e dispensá-los aos conhecidos e aos amigos. Pela letra morriam aqueles religiosos que, em vez de seguir o espírito do texto divino, reservavam o ardor unicamente para conhecer as palavras e as interpretar aos outros.»

Outra não será a condição da arte que a linguagem serve.

Advirta-se, todavia, antes de terminar esta desordenada palestra, que fundar o carácter e vitalidade da arte da linguagem, como a de tôdas as outras artes, na vitalidade e carácter da revelação interior, não importa depreciação do valor dos instrumentos meramente técnicos, de que essa arte haja de se servir na sua realização. Dependendo do estado de alma, e não da amplitude da oficina ou da provisão de ferramenta que tenha à mão nos arsenais edificadas e abastecidos para a forjar, nem por isso deixará de se mostrar estrangida ou folgada, conforme a quantidade e esmêro da alfaia de

que disponha. «Julgando qualquer obra de arte», diz-nos Eduardo Carpenter, «há a considerar, além da perfeição da execução, a grandeza, dignidade, sinceridade, ternura, em suma, a beleza do motivo. E' necessário não confundir estas duas coisas; devem andar separadas no pensamento, são dois elementos diversos de um efeito total, embora aliás praticamente se misturem e de contínuo se entremeiem como corpo e alma.»

Assim, e evidentemente, quando reduzido à condição do modesto servidor, o dicionário não é pouca coisa; estará mais apto quem conhecer cabalmente tôda a riqueza do vocabulário, do que quem por inexperiência ou minguia de estudo e penetração achar reduzido o cabedal de termos e formas do seu mealheiro, nos quais possa comunicar o pensamento e exprimir a emoção. Como também, e com não menor evidência, não será em semelhantes tarefas pouca coisa a gramática e a destreza em aproveitar os recursos de construção e vocalização que a familiaridade com as gramáticas poderosamente ensina e sugere. Tudo isso é a mais banal das verdades em matéria de linguagem. Porventura todo o saber dêste género será pouco, deficientíssimo em relação às

exigências da arte, ainda mesmo para aquele que o possuir na maior latitude.

Só a mímica de recursos gráficos bastará muitas vezes para deturpar ou empalidecer a melhor arte. Com pontos e vírgulas, e algum parêntese ou travessão à mistura, ¿que se pode representar, como se poderá marcar o valor vocal das palavras e das frases, valor que, se não é toda a arte literária, para perto se muda? Leia-se uma página de prosa de arte ou de poesia, uma simples página de história, não quero mais — digo prosa de arte porque, ridículo será talvez lembrá-lo, os recursos da pontuação chegam perfeitíssimamente para pedir na tenda um quintal de bacalhau ou para encomendar um xarope na botica; leia-se uma página literária, com os seus pontos e vírgulas, e ao fim de um rápido exame diga-se se todos aqueles pontos e vírgulas devem determinar pausas de igual duração, se todos os pontos de interrogação são para se acentuarem em igual modulação, e se todos os pontos de admiração subentendem intensidade igual. O que cabe na diversidade da intonação de uma exclamação, a cada passo sobreleva a quanto se contém nas palavras a que se refere, quanto o sentido da frase pode ressumar;

a piedade e a ira, o desfalecimento e a coragem, a persuasão e a dúvida, todo o estado de alma se poderá revelar e depender, para sua completa expressão, unicamente da intonação de uma exclamação.

Não temos sinais para acelerar ou retardar claramente o andamento da leitura, sendo primordial no estilo a celeridade ou a lenteza do andamento. A liberdade que neste e outros pontos afins se concede ao intérprete, excede de um modo temeroso a possibilidade de expressão a seu modo que se reserve para o autor, desprovido de utensílios apropriados e suficientes; e por essa falta tudo se passará na leitura como no teatro, onde, sendo invariáveis as palavras, o actor tira delas, pela elocução e acentuação, o que lhe apetece, não sendo necessário grande favor do génio para tornar em drama a comédia, e a leveza em gravidade, conforme a inspiração, nem sempre divina, da garganta de que brotarem.

A versificação irregular, em uso do século XII até ao século XV, era pela liberdade e riqueza do ritmo e pela disposição gráfica que suscitava, um progresso sobre aquela linguagem isócrona e isométrica, de pêndulo, que a havia precedido e no classicismo

romano gozava fama de ser a suprema beleza. Muito prometia essa versificação, quanto a possibilidades de multiplicar com proveito e eficácia os modos de notação da linguagem. Mas, infelizmente, a Renascença cortou-lhe as asas por cinco séculos; só agora começam de novo a crescer e afagar-nos a esperança de trazerem qualquer coisa fecunda que acuda à pobreza de representação gráfica que nos flagela. Só agora poderemos ler em André Marwell, o poeta inglês, que a prosa tem uma extensão de metros e harmonias, poucos dos quais a melhor e a mais variada poesia admite, e Remy de Gourmont escreveu que «no fundo, há apenas um género: o poema. E talvez apenas um modo: o verso. Porque a prosa bela há-de ter um ritmo que faz duvidar de que ela seja somente prosa».

Coïncidência singular — a versificação irregular renasceu na América. De lá nos veio. Parece que para viver necessitou de sangue novo que lhe inoculasse a robustez e lhe afoitasse a expansão.

Post scriptum. — Considerando detidamente os problemas da linguagem e os seus meios de expressão, não será talvez difícil descobrir sob a invenção da imprensa uma

fatalidade diabólica de apartamento entre os homens, um corrosivo psicológico, tanto mais perigoso quanto mais traiçoeiramente parece uni-los.

Acaso a concepção mecânica da vida tinha de ser precedida, para seu triunfo perfeito, e de facto precedida foi, pela expressão mecânica do pensamento. E neste ponto a invenção da imprensa, consumando êsse consórcio de tendências íntimas com o modo de ser externo que as traduz, seria portadora muito activa, a maior, daqueles efeitos de calamidade, comuns a toda a espécie de mecanização das energias do homem, e assaz demonstrados e experimentados em o nosso tempo. Não obstante a idolatria em que se entroniza, pressente-se na invenção da imprensa uma ironia sinistra de desventura, oculta em trajos de fortuna e bênção.

Por uma cirurgia subtil, a imprensa mecanizou a ideia e o pensamento, desumanizou-os; e desumanizando-os, desmoralizou-os. E' o verbo feito seixo, o fluido feito resíduo, a exalação envolvente que nos afa-gava tornada na frialdade de uma lâmina de chumbo.

Dai a pôr em mercadoria, a granel, a irradiação do espírito, a distância não

era grande, e a imprensa de-pressa a galgou.

Entre a palavra falada ou escrita e a palavra impressa haverá a diferença que existe entre o ramo de oliveira com tôdas as nodosidades e musgos de que a natureza o dotou e tôda a vibração dos seus reflexos na fluência da vida, e êsse mesmo ramo esquartejado à serra e plaina, na inércia da morte. E a impressão que em nosso ânimo suscitam, quer a palavra humana, quer o ramo da árvore, conforme se nos deparam em um ou outro daqueles dois estados, será também absolutamente diferente, por contágio insinuando o verdor ou a secura, a fertilidade ou a aridez, a eloquência ou o silêncio, a flexibilidade ou a rigidez, a afeição ou a divisão, a morte ou a vida, em suma, que respectivamente ali se encerram.

O humorismo de W. Bagehot exigiu que a crédito de Rolland Hill lançássemos que «inventou as estampilhas e acabou com as cartas.» Tão rápida a estampilha tornou a circulação da carta, que pela pressa de usar a facilidade reduzimos a fancaria uma arte, algum dia delicada e brilhante, quando se exercia em recato e pausa, e agora de todo desbaratada até ao bilhete postal, transpor-

tado em atropêlo e impudor, às escâncaras, em recovagens anónimas, de estampilha, vagamente insolentes. Antero de Quental nunca tomou a bem o bilhete postal; dava-lhe a impressão de alguém, dizia, que gritasse da janela para a rua a confissão dos seus affectos e cuidados.

Semelhantermente, bem poderá ter acontecido que a invenção da imprensa, amittendo contactos e prodigalizando comunicações, haja deturpado belezas originaes infinitas, varrendo da terra essências divinas que ligavam os homens, e das quaes, por escárnio satânico de um novo intermediário, agora os homens comungam apenas um exíguo remanescente, inanimado, frio, quando não lhes é ministrado totalmente corrompido. Na verdade, invenção da imprensa e invenção das estampilhas teriam brotado de uma mesma lógica, de uma mesma ansiedade de mecanização.

O que no pensamento havia de humano quando na voz se exprimia, aquilo que pela voz se corrigia ou moderava, e ampliava ou restringia, e se dilatava e completava, indo muito além do que fisicamente representava, participando em tôda a extensão da mobilidade da nossa vida, tudo isso que por

efeito da música em que se modulava palpitava, ora em simpatia, ora em aversão, tudo se arruinou, quando não se extinguiu radicalmente, desde que a imprensa o precipitou em cubos metálicos, onde a curiosidade o vai buscar para o interpretar, obedecendo à instância de vário apetite, nem sempre inteligente, e frequentemente desonesto. Tudo isso, cálice de regradas partículas, a imprensa desprende do peito em que se formara e abrigava, alimentado pelo nosso sangue, aquecendo-o e aquecendo-nos, e tudo isso agora rola pelo mundo e entre os homens, como chuva de estrêlas apagadas, as quais subitamente faltasse a luz e o poder de gravitação.

Foi assim que as ideias passaram a cobrir a terra numa torrente de areia, destituídas da alma que lhes infundia a sua qualidade humana, materializadas, transformadas em meras quantidades, como se a comoção e o conceito, arrancados do chão que os criou, nos fôsem dados em alimento mutilados, secos, triturados, esterilizados por uma violência mortal. E não foi assim, por este meio, o baptismo das duas grandes ondas de águas lustrais que nos lavaram do limo bárbaro — a romani-

zação da Europa e a difusão do Cristianismo. Essas vieram de bôca em bôca, pela voz do mercador e pela voz do apóstolo; essas respirámos nós no álito dos que as respiravam, tépido, não raro ardente, sempre impregnado de sedução, corpo a corpo. Não se transpuseram para o papel; inflamaram-se numa vibração de vida que nos tocava; exaltaram-se em impulsos de persuasão, imediatamente comunicativos, livres daquele quebra-mar que é a interposição da letra impressa.

As conseqüências da despersonalização das ideias efectuada pela imprensa são incalculáveis. Apartadas dos homens, com existência própria, sem face, nem olhos, nem lábios, nem gesto, nem modulação em que encarnem e que lhes suavizem os mandados, acentuem o conselho, esclareçam a obscuridade, e lhes expressem as iras, e lhes revelem o contentamento, e lhes derramem a unção da arte, e as salvem de tôda a cegueira; cortados todos os laços seus maternos, as ideias suprimem, inconscientemente, inumeráveis relações humanas que a simples presença do homem determina, e avigora, e regula. Operando a ferro frio, facilmente acabarão por se prestar a ser os

servidores de um estranho império opressivo, a cada passo como desvairadas pela indigência de elementos fundamentais de ponderação, cooperação e tutela, que de outro modo as acompanham e guiam. Por êste processo é que a imprensa destila o filtro terrível de desagregação que vem no contacto das ideias com as ideias, desquitadas do seu viático natural, destituídas da palpição vivificante em que se geram e movem, no estado de uma sã integridade, e sem a qual logo se deformam, e corrompem o ambiente e a gente sôbre os quais caíram e actuam.

Algum dia houve o copista. É certo. Mas o copista tinha a *sua* letra, que só por si era uma personificação. Na letra do copista residia ainda o calor das mãos, um perfume de intimidade, um vínculo de affecto, resurreição perene de um ser animado, um companheiro, um olhar. Na imprensa, quanto resta das fontes donde a *sua* palavra dimanava, é o cheiro dos óleos de lubrificação da máquina, e, até êsses, óleos minerais, o mais das vezes.

Além disto, a cópia não era propriamente uma actividade independente; era apenas uma recordação menos inexacta de passa-

gens vividas, como uma semente destinada ao renascimento oral. Porque onde antigamente as cópias se usaram e o pensamento se transmitiu, operando milagres, foi nos jardins de Academo, ou no Cenáculo, ou nos serões de Roma, ou no púlpito da catedral, ou no lamento do trovador e em narrativas do peregrino, onde em todo o caso a cópia se transpunha na voz humana. O pensamento pela rua, a baixo preço, de mão em mão, e mudo — isso é que é invenção dos nossos dias.

A mudez é a sinistra enfermidade congénita da imprensa. Foi ela que lhe permitiu semear a desordem a salvo de responsabilidades, em ataques de emboscada. Na transmissão do pensamento por caracteres impressos pressente-se uma vaga cobardia que, temendo o campo raso, combate por detrás de trincheiras; qualquer coisa que não é natural, que excederá a natureza, se as jactâncias do progresso preferirem êsse modo de dizer; mas que em todo o caso violenta a natureza e lhe insinua a imoralidade e neste sentido, de adulteração das relações normais entre os homens. Embaraçando o contacto físico imediato entre os homens, desfiguralhes por insuficiência de expressão ou dis-

torsão da realidade o conhecimento mútuo das vidas que quiseram aproximar-se e consubstanciar-se.

Entre a letra do copista e a imprensa haveria aquela mesma deplorável passagem em que as indústrias manuais caseiras decaíram sob a mole imensa da fábrica. Em perfeito paralelismo, e por igual ruinoso, essas duas transformações da liberdade individual em mecânica anónima representam uma mesma perda; a abundância material que delas resultou e nos confunde é afinal nada, um fantasma que apavora a consciência, para a fazer sucumbir e depois a levar sonâmbula onde lhe apraz. Nunca passará de um valor superficial, illusório e mesquinho perante a desgraça moral e psicológica, e até mesmo económica, que num dilúvio de comodidades afunda reinos infinitos de beleza e amor e entendimento, bens da alma incomparáveis, preciosos, êsses que Cristo e Platão nos herdaram copiosamente, para a sua glória e fortuna nossa.

Foi Tolstoi quem primeiro me disse, quando o visitei, que a invenção da imprensa havia sido coisa de nenhuma significação para os destinos dos homens. Quanto a imprensa alcança, tudo, no pensar do Profeta,

antes dela o peregrino conseguia. Nada ficava por saber.

Surpreendeu-me então o assêrto, que tão positivamente desrespeitava a mais banal e embandeirada das crenças. Mas pela estranheza o guardei em lembrança, e, nunca lhe havendo pôsto no meu espírito contestação bastante, acabarei por certo obscuramente persuadido de que na invenção da imprensa se agita um *latet anguis*, a deslizar arrastado e lento sob a verdura, e pronto a cuspir certo veneno que lhe é natural. Haverá talvez uma difusão, — e a essa pertenceria a da imprensa, — que representa uma dissolução, na qual a essência difundida mingua e se adultera, como a água de uma fonte, pura onde nasce, mas corrompida por efeito de infiltrações mórbidas, à medida que se espalha pela terra. E haverá também uma difusão — e a essa pertence a palavra humana — que representa a expansão de uma virgindade invulnerável, que se alarga sem jámais degenerar, antes avigorando a aspiração inicial, como seiva da árvore, tanto mais bela e florida quanto mais dilatadamente cresce, e multiplica e ergue ao sol os seus ramos.

Não nos iludam, porém, estas suspeitas

ou estas duríssimas realidades. O fanatismo da imprensa está para durar; nem sinais dá de declinação. Se é enfermidade, tornou-se constitucional ou pouco menos, por tendências psicológicas irreductíveis; será um facto em tudo semelhante àquele que prolonga o uso do alcool com menosprêzo dos frutos donde o alcool veio, e que nós esmagamos e apodrecemos, para que o alcóol nos distile a embriaguês. Porventura a fascinação dos venenos será uma doença incorrigível em tôda a latitude da actividade física e espirital dos homens.

Contemos com êles, e, não os podendo proscrever, aprendamos a viver com êles, moderando com o bem possível os males inevitáveis.

Neste propósito é de lembrar aqui e de aplaudir a inspiração do génio de William Morris, que nos derradeiros dias da vida tinha votado a sua arte a uma renovação dos caracteres de imprensa. Pois que não se pode sensatamente sonhar e querer a sua abolição, eduquem-se, moralizem-se, humanizem-se, animem-se por uma exacta correspondência entre o pensamento e a grafia que a comunica. Nem todos sirvam para tudo, e a adopção de qualquer seja o bastante

para início da revelação do espírito e das ideias que é chamado a significar; que o desenho complete o som e com êle se harmonize, e a linguagem escrita terá conquistado novos mundos, e infindáveis, de eloquência.

bibRIA

UM HOMEM DE LETRAS

O SR. AGOSTINHO DE CAMPOS E A «ANTOLOGIA
PORTUGUESA»

Não sei se por seu bem, se por seu mal, mas, com certeza, por honra da profissão e fortuna da nossa terra e da nossa gente, o Snr. Agostinho de Campos é um homem de letras. No jornalismo, na escola e no livro, tem gasto o melhor dos seus dias; aí empregou a energia, que muita tem sido e é, em gravar o pensamento em letra redonda, para o difundir e perpetuar por êsse modo.

Sobrenome equívoco, porém, o de homem de letras, serve para muita coisa e para muito modo de ser, e nem sempre aprazíveis. Bastas vezes traçoeiro para quem o aplica, e illusório para quem com êle se enfeita, acomoda em avantajada elasticidade superiores atributos de dignidade, extremos de frivolidade, e até, Deus lhe perdoe, aviltamentos de variada espécie. Tudo isso é susceptível de se fabricar em letra redonda; por virtude dêsse modesto e subtil ins-

trumento consegue prevalecer e andar no mundo, tão de-prensa envenenando como purificando, tão altamente inspirando e enobrecendo como imbecilmente dementando e miseravelmente rebaixando.

Distingamos.

O pimpolho romântico enamorado que desatou a pôr em rima a lamúria e despeja nos sonetos a debilidade e a mágoa, muito bem poderá ser homem de letras, e autêntico. Se teve do destino a prenda de falas sonoras, dá largas à banalidade em ôcas maravilhas de ritmo, e, sem embargo de uma inanidade fundamental, asfixiante, canta como o rouxinol, e nós, cedendo à levianidade que o caracteriza, caímos em a partilhar e quedamo-nos a ouvi-lo e aplaudi-lo, como se entoasse salmos de profeta.

É homem de letras; usa-as com arte. Não se lhe regateia a coroa respectiva, embora o canto passe mais ligeiro que o vento e não deixe na alma sombra nem vestígio apreciável, que enriqueça, no que quer que seja, o corpo ou o espírito.

O ambicioso perspicaz e astuto, adestrado na ruindade dos instintos a vencer pelo ódio, pela calúnia e pelo atropêlo, experimentou a peçonha na gazeta da sua aldeia, e foi fe-

liz; achou quem lha pagasse e com delícia a sorvesse. Está feito homem de letras; a breve trecho passa para a cidade, e lá, tribuno da plebe, ordinariamente, maiores triunfos e mais rendosos o esperam. Com experiência e uso irá de vitória em vitória; admiravelmente aprendendo como as letras se alinham para derrear a reputação alheia e acrescentar a própria fama, hábilmente maneja a mentira e para essa faina se reveste com a túnica de homem de letras. Certo no golpe, salteador autêntico com a devassa conclusa para entrar nos registos da infâmia, nem assim deixará de ser aclamado pela multidão homem de letras, *espantoso homem de letras*.

E ainda é também homem de letras este que na capacidade de escrever, com que o nascimento o dotou, sentiu a obrigação de servir o próximo, e para isso a exercita e cultiva. Também é homem de letras quem no conhecimento dos livros e na mestria da língua, para que a vocação o chamou, viu impôr-se-lhe uma missão de ensino, um apostolado, uma sujeição honrosa. Convertendo em sacerdócio a tendência literária ingênita, pela alfaia homem de letras, à semelhança da chusma dos que iguais artes praticam

com bem diversos fins, quando não as usam na simples abjecção, o homem de letras dêste último género será no íntimo e em definição final uma consciência activa que fala alto.

Isto são meros exemplos; que as espécies, numerosas, senão infinitas, e as sub-espécies, variedades e degenerações concomitantes, não teem conta. Desde o homem de letras tamborileiro, rufando rijamente a anunciar a hilaridade alvar da rua a comédia humana, e em prémio fartando o ventre ou a vaidade; desde esse, que pode ser inocente, até ao reptil de aluguel, a distribuir o louvor ou o vitupério, consoante lhe pagam, enaltecendo ou amesquinhando cínicamente, dócil ao salário, confundem-se na turba as raças mais vis e as mais nobres.

Ora, pois que o Sr. Agostinho de Campos, partilhando da sorte de muito boa gente, caiu neste vespeiro, e a rubrica de homem de letras nada diz, por dizer de mais, necessário se torna em aviso prévio distinguir a que espécie dêsse baralhado género pertence.

Para o encorporar no rol em que de direito e por justiça tenha o lugar, não bastará dizer que é um dos mais notáveis homens de letras portuguezes contempo-

râneos, ainda que notável seja, na verdade. Importa saber, além disso, em que qualidade e em que capítulo do livro nos cumpre inscrevê-lo.

Ele próprio, e involuntariamente, nos facilita, porém, singularmente a classificação. Há mais de vinte anos entrou para a confraria, e desde o começo e ininterrompidamente, quasi dia a dia, nos tem enriquecido com tão assíduas lições e conselhos, que nêles deixou estampado e acentuado o carácter. Nenhum dos nossos homens de letras mais do que elle o terá excedido na persistência com que nestes últimos anos tem procurado pelos seus escritos, e com êxito, acrescentar o nosso minguado cabedal de conhecimentos e preparar-nos para o usar com mais assiduidade do que aquella que costumamos empregar; com mais proveito do que aquele, muito mesquinho, que uma sabida penúria moral pode consentir; nenhum terá semeado maior soma de ideias fecundas nestas duas últimas décadas da nossa incerta vida literária, entretanto pouco a pouco revelando o carácter que estimulou a acção. Assaz tem dado provas do que seja, para que sem ambigüidades possamos saber e dizer quem é.

O sr. Agostinho de Campos entra naquela categoria de homens de letras, infelizmente a menos freqüente, para os quais a arte literária e o talento que nela se gasta são a expressão evidente de aptidões técnicas naturais, tornadas em instrumento de uma missão de honestidade e dedicação, servidores ajuramentados de uma consciência. Desta honestidade essencial lhe vem, não só o prestígio e autoridade próprios de uma serena austeridade, mas também a multiplicação e progressivo vigor dos recursos meramente intellectuais. Uma força íntima os robustece e alimenta constantemente; fortifica-lhe o carácter na necessidade íntima de exprimir e afirmar as verdades que alcança; e, simultâneamente, o estudo e a reflexão ampliam-se e aprofundam-se pela assiduidade do exercício, pela continuidade do uso regrado e ordenado, emendando hoje o êrro de ontem, corrigindo amanhã as deficiências de hoje, e sempre desenvolvendo, acumulando e melhorando.

Subordinando as letras a uma disciplina mental e moral rigorosa, nessa sujeição terá o Sr. Agostinho de Campos achado o segredo da penetração ininterrompidamente progressiva do seu talento, e da eficácia

paralela da influência do seu ensino. Os menos letrados lhe pressentem a singular ponderação e equilíbrio, e creem-no, confiam no portador da verdade, procuram-no para o conhecer. Tão inteligente como metódico, teve a prudência, nada portuguesa, de não soltar a inteligência à desgarrada, ao vento da ocasião, ou da curiosidade, ou da vaidade, ou do aplauso; o sentimento da responsabilidade marcou-lhe direcção e limites, e fielmente o escuta e se lhe cingiu. De forma que, quanto mais adianta a jornada, menos penosa e contingente se lhe torna pela agilidade adquirida, e mais rendosa prossegue pela segurança em que perfaz o benefício próprio e o alheio.

Foi talvez esta severidade do carácter moral, trasbordando sôbre as obras literárias, que lhes acentuou as qualidades sôbre tôdas dominantes em seus escritos — a concentração e a precisão. Quanto é vago, ocioso ou pleonástico, dali foi implacavelmente excluído por um crivo apertadíssimo; a imaginação e a divagação trarão muito apertadas as liberdades, onde forem chamadas e entrarem; virão apenas em moderado e muito vigiado auxílio da interpretação da obscuridade, ou para dar relêvo à

expressão por uma palavra bem aplicada, a tempo, destas que súbitamente transpõem para o mundo concreto a abstracção e lhe dão forma palpável. Mas todo o devaneio há-de cessar a breve trecho; vem a esclarecer, não se lhe permite que nos transporte em sonhos da sua autoria.

Em compensação, noutros campos, o Sr. Agostinho de Campos fará a abundância do celeiro; se a razão e a lógica não lhe autorizam grandes folgas de imaginação, ancha-mente o compensam dessa parcimónia facultando-lhe e acumulando com extrema liberalidade ideias, conhecimentos das relações das coisas e das inclinações dos homens, sobretudo copiosas sugestões para o pensamento estranho que se esforça por aprender e esclarecer-se. As entrelinhas, as apostilas e comentários que os escritos do Sr. Agostinho de Campos contém e provocam, os ensinamentos que nos comunica e aqueloutros, não menos numerosos, para os quais nos abre o caminho, deixando a colheita à nossa actividade e sagacidade, excedem largamente, por efeito de uma bem provida e fértil condensação, as proporções externas das suas obras, embora reduzidas nos pareçam, e exaltam-nos a confiança,

em-quanto de caminho nos suscitam uma justa admiração. Avêssô à solenidade didáctica pomposa, isento de todo o pedantismo, prevalece-se apenas da probidade, da aplicação, da tenacidade e do esmêro literário, para se constituir ingênuamente um dos poucos educadores sãos das novas gerações da nossa desventurada gente. Um jornalista inglês, há pouco consultado sôbre a honestidade de escrever a tanto por linha, respondeu: — «Escrever a tanto por linha nada importa. Com tanto que se escreva por linha... recta.» E o Sr. Agostinho de Campos não sabe escrever, seja qual fôr o assunto, senão por linha recta. Inimigo da complacência e da lisonja, da lisonja das ideias como da lisonja dos homens, sacrificando unicamente à verdade, bem podia sem o mínimo abuso tomar para si a divisa de Rousseau, *Vitam impendere vero*. Jamais o acharemos desprendido da cautelosa reserva e discrição que a consciência da complexidade natural da vida impõe, e a vastidão temerosa dos seus problemas de continuo estimula. Tão crente como acautelado, em tôda a conjuntura nos salvará de maior ignorância e nos guardará de tôda a precipitação especulativa e dos desastres práti-

cos concomitantes. Ensina sempre; é a sua qualidade primacial. E ensina com grande cópia de saber, impecável sinceridade e rara clareza. Pensa com lucidez, e com absoluta isenção diz o que pensa; mas, despido de paixões, e como se algum demónio interior o tutelasse, a cada passo temerá comprometer-se e comprometer-nos em juízos temerários, e nesse temor não fugirá ao bando das dúvidas, das hesitações, e até, porventura, quando Deus queira, à admissão das contradições insanáveis, que são e serão sempre do cortejo obrigado dos actos de consciência, emquanto os homens forem homens e na fraqueza humana se propagarem, e as divindades não se dignarem substituí-los.

Pelos acasos do destino, aliás muito incerto, ordinariamente, em dar a cada qual o lugar que lhe convém, acontece que a organização da «Antologia Portuguesa» foi confiada a um espírito desta natureza e de tal modo apercebido para a tarefa.

A tomarmos à letra o seu propósito confessado, seria coisa leve essa publicação que a Livraria Aillaud iniciou ainda não há três anos, e mercê de uma feliz actividade, vai já perto do vigésimo volume. Oferecendo ao público «uma colecção ou biblioteca onde

fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas», a «Antologia» pretenderia unicamente «pôr a alcance dos olhos da gente mōça que começa a escrever, e das famílias cuidadosas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tōda a parte, convir do ponto de vista moral a tōdas as idades, atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aqueles espíritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.»

O facto é que este modestíssimo programa foi na realidade da execução excedido de uma forma, não só brilhante mas também imprevisivelmente fecunda. As *selectas*, hoje tanto em vigor, significam um processo de distilação subtil, uma captação de essência; por condição votadas a mostrar-nos muito mais o espírito dos autores, que resumem, do que as obras que elles deixaram e que, em geral, resistem mal à fragmentação e à mutilação, as *selectas* conseguem apartar e fazer prevalecer, não a criação de cada qual

mas o criador, e o ambiente em que as criações se geraram, a individualidade e a atmosfera em que essa individualidade criadora respirou, e viveu, e se moveu. De forma que as *selectas*, se são boas, encerram virtualmente faculdades de expansão que mal se suspeitam, e vão muito além e diversamente daquilo que confessam e parece limitado.

Magistralmente organizada, a «Antologia Portuguesa» não foge ao carácter comum das boas *selectas*, e antes singularmente o confirma e engrandece. Graças às «introduções» de cada volume, condensando os problemas literários que com a substância desse volume e com o carácter do respectivo autor se prendem, o certo é que nesta altura da publicação, que se pode dizer no comêço, êsses problemas tantos são já e de tal magnitude, tão altas individualidades abrangem e tão diversas épocas e diversíssimas regiões da nossa história social e política, que, na verdade, assistimos ali a uma revisão larguíssima de valores pátrios, na qual o conhecimento da língua e da obra meramente literária evoca e não dispensa o conhecimento da história, e, atrás do conhecimento, eis que nos achamos obrigados à apreciação da

nossa gente e da nação portuguesa, e à cogitação do passado e do futuro, e das possibilidades de ressurgimento ou probabilidades de aniquilação dessa gente e dessa nação. Pela «Antologia», nos é posta diante dos olhos tôda a sociedade portuguesa no correr dos séculos, em mil confrontos, coincidências e divergências; e pelas notas e comentários do seu sagacíssimo director, derramando luz nova sôbre o texto antigo, afinal nos encontramos empenhados em reformar o inventário e graduação da nossa fortuna literária e, conjuntamente, de tôda a fortuna pátria, aqui apeando dos altares muitos ídolos consagrados, logo mudando outros de lugar e passando-os à esquerda de precursores e pontífices que uma tradição mal inspirada trazia deslocados, senão esquecidos e ignorados, e de tôda a forma prejudicados na compreensão da sua real importância. E para levar a cabo semelhante empresa, que uma vaga consciência dos erros e injustiças passadas suscita, recapitulando a história pátria, marcam-se distâncias e averiguam-se distinções que surpreendem pela novidade da atitude mental, inutilizam-se páginas que se tinham por evangelho, apaga-se o brilho de muitas outras que nos ofuscava, e res-

plandecem outras que mal se viam e agora revelam maravilhas.

Não, não é um trabalho literário o que na «Antologia» vai medrando; é um exame da consciência pátria por intermédio da literatura nacional, isto é, por intermédio da arte que mais completamente exprime e define uma pátria. Não sei se dêsse exame resulta arrependimento, emenda e o vigor de reedificação, se êle vem unicamente a alumiar com tardios fachos de redenção uma agonia irreparável. Mas é um esforço de vida, positivamente, uma abençoada tentativa de renascimento.

Como tal lhe confesso admiração e entusiasmo. Nessa escola me matriculo; ou nessa religião professarei.

Oxalá a pudesse honrar pelo aproveitamento, e a aptidão e a capacidade, de que o trabalho não prescinde para ser fecundo; ; estivessem êles a par da boa vontade e excelente intenção — dessa estou seguro — com que, velho e estropiado, corro a encorporar-me no séquito!

A BÍBLIA DA PÁTRIA ⁽¹⁾

; Tinha de ser!... Um dia o poeta havia de transmutar o arrebatamento estético na iluminação profética, um dia alcançaria pelo êxtase contemplativo da formosura a visão das realidades essenciais que sob a sua emanção palpitam. Através dos véus do deslumbramento penetrando no reino das forças perenes, a sua estrêla o conduziu à presença das divindades que criaram a Pátria e a bafejam, na ventura como no infortúnio.

Não podia ser de outro modo. Nem a energia e o fervor mental lhe permitiam parar ou sequer moderar os passos, nem desde que caminhava podia mudar de caminho ou perder-se. A impetuosidade do impulso inicial não o deixaria afastar da rota encetada, todos os erros lhe proibiria,

(1) *Na Hora incerta ou a nossa Pátria*, Livro 5.º, «A Fala que Deus nos deu». Do sr. António Corrêa d'Oliveira (Companhia Portuguesa Editora — Pôrto, 1921).

por fôrça havia de o conduzir ao seu t rmo próprio, inevitável no correr do tempo e irrevogável no carácter e forma.

Êste é o caso do sr. Ant nio Corrêa d'Oliveira, esta a trajectória daquele alt simo voo que hoje atinge a culminância em «A nossa Pátria», e particularmente no livro 5.  dêsse poema, «A Fala que Deus nos deu». Uma lógica, subjacente nos transportes poéticos, de longe preparava e entretecia a coroação de sua obra e a consagração última e a mais subida do seu gênio. O mais portug es dos poetas portugueses contemporâneos, e, sem embargo, não excedido por qualquer dos antigos na pureza do sentimento nacional, o sr. Ant nio Corrêa d'Oliveira teve desde o com  o da revelação do seu g nio poético a qualidade rara, e entre nós sem precedentes na época moderna, de transfundir de contínuo nas formas populares o conceito culto e de, reciprocamente, exprimir em formas cultas os conceitos populares. Pelo pensamento ou pela expressão, j mais quitou dêsse vivificante comércio a inspiração, sempre a trouxe em certa e estremada identificação com a sua terra e com o que ela cria e nela vive; de todo e fielmente uma constante ternura pela sua

terra o isentou da insinuação de alentos e tranhos que da terra o apartassem, corrompendo ou abastardando o sangue que o animava e lhe nutria as modulações da voz. As suas «Cantigas», e quanto da sua vasta obra se lhe assemelha na substância e no ritmo, formam verdadeiramente um monumento nacional, subsistente na sua singeleza entre as ruínas dos nossos malfadados dias. Rescendem uma pureza peregrina, a flutuar imaculada na torrente de desleixo e aviltamento em que, renunciando à própria dignidade, já numa inconsciência de escravos, nos entregamos a estranhos de vária espécie, bastas vezes de baixa espécie, afundando na voragem não só a tradição nacional, o que é pena, vergonha e insensatez, mas também quanto do antigo vive ainda no presente e é actual, o que significa uma traição. Sempre e absolutamente escoimado dessa fraqueza e mácula, o sr. António Corrêa d'Oliveira a seu modo e com êxito a denunciou e combateu, pelo exemplo, pelo carácter incomparável das suas poesias, a um tempo acusação dos nossos erros, pelo contraste que lhe opunham, e indução em emenda, pelo espelho de uma arte, senão de uma vida, de salutar beleza.

Bebendo a inspiração na alma popular por exigência ingénita do estro na integridade de candura, que não por estudo ou propósito, no qual as hesitações e estreitezas da razão minguariam a fé e o poder de fascinação conseqüente; na fatalidade irreprimível do arrôjo que uma ansiedade infatigável estimulava, o Poeta movido por amor passaria da afeição e admiração espontânea ao conhecimento reflectido e, pela caridade que a todo o amor assiste, nos comunicaria a revelação que as bênçãos da sorte lhe haviam mostrado. E assim foi que veio a baptizar-nos naquela religião que, começando por lhe aconselhar os talentos e timbrar o canto, e o fascinar na obediência à crença, por último se desenvolvia e afirmava em postulados de experiência, definindo-a na sua tradução real, na vida tangível das gerações. Pelo louvor e affecto do remanescente animado e vivo de um passado que nos pulsa nas veias, ora eloqüente e claro, ora surdo e misterioso; por essa intimidade que sòmente a virtude despertou e avigorou, ei-lo que em breves estrofes renova e fortifica a interpretação da história nacional e os preceitos que dela derivam. E logo, atingindo uma compreensão profun-

da do passado dêste povo, a que por mandado de um destino propício votou todo o ardor sagrado dos apóstolos e ergueu o turbulo da adoração e do sacrificio, envolvendo-o numa nuvem resplendente de incenso, logo o Poeta nos rasga horizontes de um confiado e magnífico porvir, na aurora do qual, numa majestade sacerdotal, acende fachos de claridade incomparáveis.

A pátria do Poeta, a que êle sentiu no peito sem por ela perguntar às academias, não será a pátria das façanhas e dos heroísmos que o orgulho nos lembra e ensina; não será a das navegações e conquistas, a do ouro e pedrarias, e a das praças e batalhas, pôsto-que nenhuma dessas pátrias ignore e a tôdas saiba cantar as excelências e grandezas onde excelentes houverem sido e grandes. Essas pátrias, por maior que seja a sua aparente magnitude, serão apenas o reflexo transitório e mesquinho de uma outra pátria, mais alta e perdurável, à qual o Poeta ascende e nos leva, pátria que nasceu da terra e dos céus, e só dos céus e da terra depende, que sendo dos homens escapa à vontade dos homens e lhes é superior, austera na parcimónia e no trabalho, e invencível em tôda a conjuntura.

«E' nossa Pátria uma árvore,
As raízes são o povo.
Os meus ossos são rochedos.
Águas vivas são meu sangue.
Fontes vivas são Riqueza.
São duas : a adega e a tulha.»

Por isso que é da terra, e não das meras vicissitudes políticas, incidentes de superfície que mal a tocam e se perdem na abundância da sua vitalidade, essa pátria precede a nação e de certeza lhe sobrevive, se por caducidade ou acidente a nação desaparece ; aquilo que lhe deu o ser antes da nação se formar, isso mesmo lhe dilatará a existência se a nação falece. Porque

«... antes de ser nação,
Nestas serras em calvário
Viveu, morreu outro Povo
De que hoje sois o Sudário...
Outro Povo ? — a mesma gente !
Raça eterna que lembrais,
Nesta herança de alma e corpo
Que prende os filhos aos pais.»

¡ Feliz condição, felicíssimo domínio o do Poeta ! Na fulguração de um instante, a inspiração supriu a erudição, e pôde ver quanto os outros míseros mortais, balbuciantes na sua debilidade e em penosas dili-

gências, a custo e obscuramente alcançam na vigílias, infinitas, de longos anos. Pela intuição de uma lucidez profética, o Poeta conheceu e mostra-nos a Pátria na sua nudez imperecível, nas fontes eternas da sua vida :

«A nação (por leis divinas).
Para que ninguém a vença,
Sua fortaleza imensa
Assenta em quatro colinas:
Chão e Raça, a Língua e a Crença.»

Na essência última, em que tôdas as demais se consubstanciam, a Pátria será, porém, qualquer coisa etérea, impalpável; vagueia na «fala que Deus lhe deu», será afinal um murmúrio de coros angélicos, reside na Palavra em que baixou ao mundo, como Deus reside no Verbo :

•Bandeira de almas no vento,
A Pátria está viva, inteira,
Na Fala que um Povo queira :
Como Deus no sacramento,
Como, na rosa, a roseira.

Ergue fronteiras tamanhas,
Defendendo a nossa terra
De encontro a terras estranhas,
Que nem o Mar, nem montanhas,
Mil exercitos em guerra !»

Eis aí, em singelas, curtas e magníficas estrofes, desvendado todo o mistério da Pátria e edificado o seu templo. Mistério da Fala, encarnou na Palavra do Poeta. A Pátria é uma paisagem, o Chão e quanto o reveste, desde o musgo das pedras até ao píncaro da montanha; e uma Raça, o povo que veio a acarinhar êsse chão, a interrogar-lhe o desejo e a servi-lo; e a Língua, um canto que envolve o Chão e a Raça e no seu eco abrange tôda a latitude e todo o hemisfério; e a Crença, a aspiração que confunde o Chão, a Raça e a língua no Imutável e no Perfeito a que os transporta. O mais, prostração ou glória, são coisas que o vento leva, poeira da estrada que cedo voa e se dissipa, um rumor que tão depressa clama como emudece.

O que nesta concepção da Pátria e no culto que ela virtualmente evangeliza há de profundo e grande, só poderá equiparar-se à fecundidade que nela se contém e de pronto se vê. A vida da Pátria tornou-se agora contínua, uma fonte cristalina de vida, inexaurível na sua abundância e no poder infinito de renovação; cessam desalentos e maldições suscitados pela contingência a que ela é superior; todo o scepti-

N.º 15-3649

Data 6/11/2000

Cota

cismo é êrro, e todo o pessimismo blasfêmia, e tôda a história escrita será apenas um sorriso ou um lamento daquilo que participa da immortalidade. A Pátria habita, igualmente intangível e sã e scintilante, na choupana como no palácio, na angústia como na felicidade, no contentamento como nas lágrimas, no triunfo como na humilhação; não é objecto do corpo, é sòmente um estado de alma, determinado pela exaltação estética.

O culto externo desta religião é tão simples como manifesto; quem mais ama a Pátria e melhor a serve, é quem melhor lhe cava o Chão, e quem melhor lhe propaga a Raça, e quem melhor lhe guarda a Fala, e quem mais acendradamente lhe repete as orações.

São os videntes, e não os césaes, que resgatam a Pátria. A Pátria alimenta-se numa Bíblia, não se funda num discurso, nem se contrata numa alfândega, nem se prescreve por editais. A fortuna da nossa Pátria será que, em meio da cerração que a entenebrece, escreveu e jurou, por inspiração do génio poético que o seu peito amamentou, os dois primeiros livros da sua Bíblia, gravados na *Hora incerta*, do

sr. António Corrêa d'Oliveira e na *Chave dourada*, do sr. Manuel da Silva Gaio.

Alguna coisa nova, sublimada, sentimos a aproximar-se na mansidão da voz dêsses precursores — um romper de alva, um sinal de redenção pôsto nos céus.

¡Abençoados sejam, pela luz que nos acendem e pela comunhão que nos ministram!

bibRIA

ÍNDICE

Advertência	6
Ressurreição de um milagre	9
O canto e a letra na linguagem	19
Um homem de letras — O Sr. Agostinho de Campos	131
A Bíblia da Pátria	145

Francamente

Não queres casar

comigo

Não

biblioteca

mas coisas não se

respondeem assim.

Se queres eu ouvirei fleg
for me ver amado.

Se não queres farei o

Composto e impresso na TIPOGRAFIA DO ANUÁRIO COMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

me disse pois sou um
obstáculo à tua felicidade
com o Honore'

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

LISBOA—73, Rua Garrett, 75

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Socio Correspondente da Academia das Ciências
de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entender, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.

VOLUMES PUBLICADOS:

Manoel Bernardes, 2 volumes.

Alexandre Herculano, 1.^o volume.

Frei Luís de Sousa, 1.^o volume.

Barros, 1.^o volume.

Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.

Trancoso, um volume.

Paladinos da linguagem, três volumes.

Fernão Lopes, três volumes.

Lucena, dois volumes.

Eça de Queiroz, 1.^o volume.

Augusto Gil, um volume.

EM PREPARAÇÃO:

Camões lírico, António Vieira,

Antero de Figueiredo, etc.